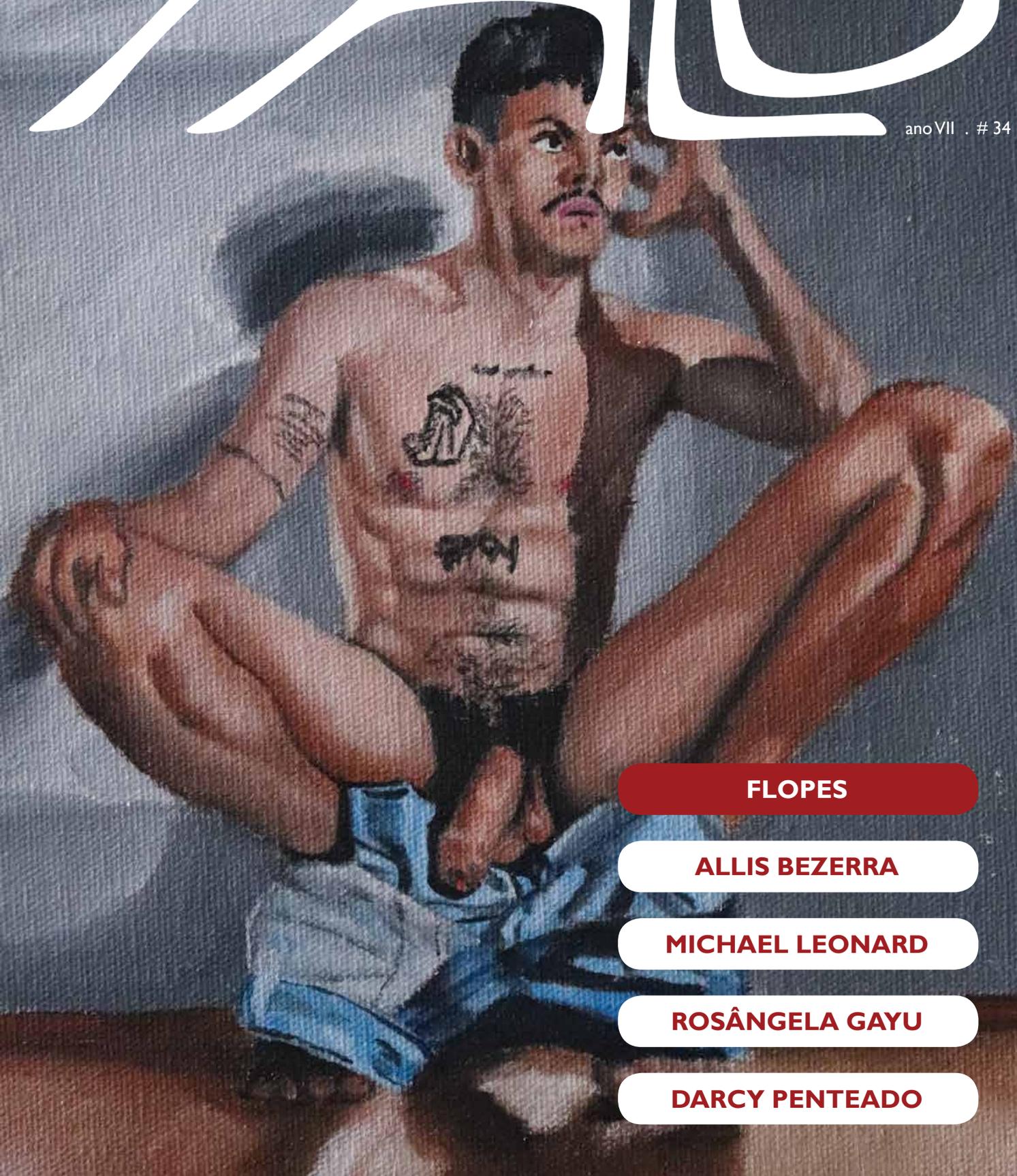


# FAIO

ano VII . # 34



**FLOPES**

**ALLIS BEZERRA**

**MICHAEL LEONARD**

**ROSÂNGELA GAYU**

**DARCY PENTEADO**

FALO® é uma publicação bimestral.  
setembro 2024.  
ISSN 2675-018X  
versão 23.01.25

edição, redação e design: Filipe Chagas  
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto e Marcos Rossetton.  
site: Pedro Muraki

capa: Leandro, acrílica sobre algodão de Flopes, 2024.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação ([falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com)) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

### Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com) e procederemos da melhor forma possível.

### Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com).



COLAB55

FC DESIGN  
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras  
Rio de Janeiro - RJ 22241-000



## Sumário

FLOPES

6

ALLIS BEZERRA

22

FALO DE HISTÓRIA  
Michael Leonard

40

FALO em FOCO  
Rosângela Gayu

64

FALÓFORO

72

ESPECIAL FALORRÁGICO  
A opinião de Darcy Penteado

76

CONTOS DO FALO  
O clube

88

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

94

FALO com VOCÊ

96

moNUmento

99



## Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina (cis/trans) na Arte. Há, portanto, imagens de genitais. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

**E**u sou uma pessoa organizada. Pelo menos, tento ser. Para a *Falo* existir por tanto tempo sendo feita por uma pessoa, só tendo um planejamento bem metódico: por exemplo, costumo fechar os artistas do ano em janeiro. É verdade que, ao longo de seis anos, já fui entendendo os limites, as possibilidades de extensão de prazos e, claro, os furos (que são constantes). E, por isso, os acasos desta edição merecem o registro.

Foram meses intensos de muitos trabalhos paralelos que dificultaram o foco na produção da revista. A única coisa certa aqui era a seção *Falo em Foco*, pois a artista já tinha enviado material em março e consegui agendá-la para setembro. Os colaboradores foram avisados como sempre e, dessa vez, usaram até o último dia do prazo para enviar material.

A coluna *Falo de História* tem sido um desafio cada vez maior por duas razões. Primeiro, pelas questões de domínio público:

*Nos países signatários da Convenção de Berna, uma obra entra no domínio público no mínimo 50 anos após o falecimento de seu autor, porém muitos países adotam prazos mais longos – principalmente 70 anos, mas alguns países chegam a adotar 100 anos, como no México. Tal prazo se refere tão somente aos direitos patrimoniais do autor, não se aplicando aos direitos morais, os quais são imprescritíveis. Ou seja, independente de uma obra estar ou não em domínio público, o autor deve ser sempre citado.*

Eu tento usar a margem de 70 anos, porém, minhas opções estão ficando escassas. Ainda mais pela segunda razão... a existência de herdeiros, fundações, institutos que controlam o espólio dos artistas e nem sempre são receptivos à proposta da revista. Fui positivamente surpreendido na edição passada. Nesta, fui lembrado por um seguidor do Michael Leonard, e entrei imediatamente em contato com a Henry Miller Fine Art, galeria londrina que detém os direitos do artista e que já teve uma parceria com a *Falo*. Tudo autorizado e a matéria ficou linda!

Imagem criada por IA, representando que todos os caminhos levam à *Falo*.



Para os artistas principais, dois convites foram disparados de acordo com a programação do ano... para edições anteriores. A resposta demorada já havia exigido mudanças de planejamento. Então, a falta de comprometimento me fez ser o Editor e... corte! No afã de ter que alterar toda a programação novamente, fui atravessado por um núcleo de estudos sobre arte erótica do qual venho participando, organizado pelo *Vórtice Cultural*, cheio de artistas incríveis com produções ainda mais incríveis que já estavam no meu radar há tempos. Sem pestanejar, pincei dois artistas que não poderiam ser melhores.

Ainda tinha o meu texto... Além de tudo ter que escrever. Pauta não falta; tempo sim. E, mais uma vez, o Universo agiu. Em uma ida a São Paulo em julho, recebi de um dos sócios do *Vórtice Cultural*, um texto de Darcy Penteado com o título “Vamos falar de falo?”, que havia sido publicado em uma revista antiga. Como já republiquei artigos de outras publicações na *Falo*, decidi fazê-lo novamente. Durante a pesquisa, encontrei mais um texto importante do Darcy e percebi que ele merecia uma menção para além dos textos por ter sido uma figura seminal na luta dos direitos LGBTQIAPN+ no Brasil. Assim, meu texto falorrágico virou um especial.

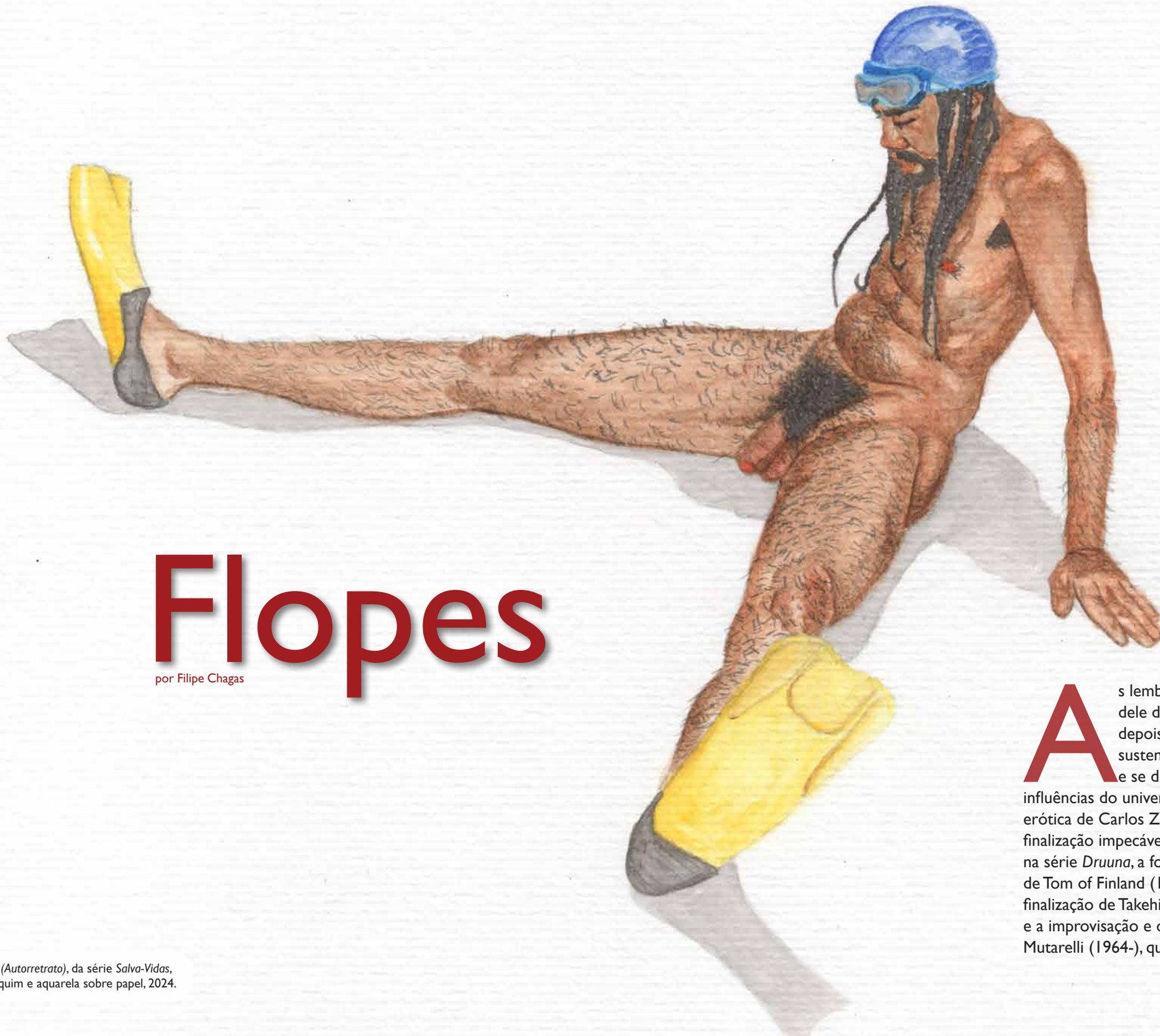
Como disse o fotógrafo Allis Bezerra, que você lerá daqui a pouco:

***A vida é assim, não se controla tudo. Trabalho com a ideia de que sempre é um esboço, no sentido de que o trabalho vai se colocando.***

Um controlador como eu não sabe muito bem lidar com isso. Contudo, é melhor buscar se adaptar do que se engessar na inflexibilidade.

Bom... se você chegou até aqui, é porque você é realmente um LEITOR da *Falo*, um que vai além das imagens. Obrigado por isso e se divirta com os acasos que virão assim que você virar a página.

Filipe Chagas  
criador e editor



# Flopes

por Filipe Chagas

*Banhista 2 (Autorretrato)*, da série *Salva-Vidas*, grafite, nanquim e aquarela sobre papel, 2024.

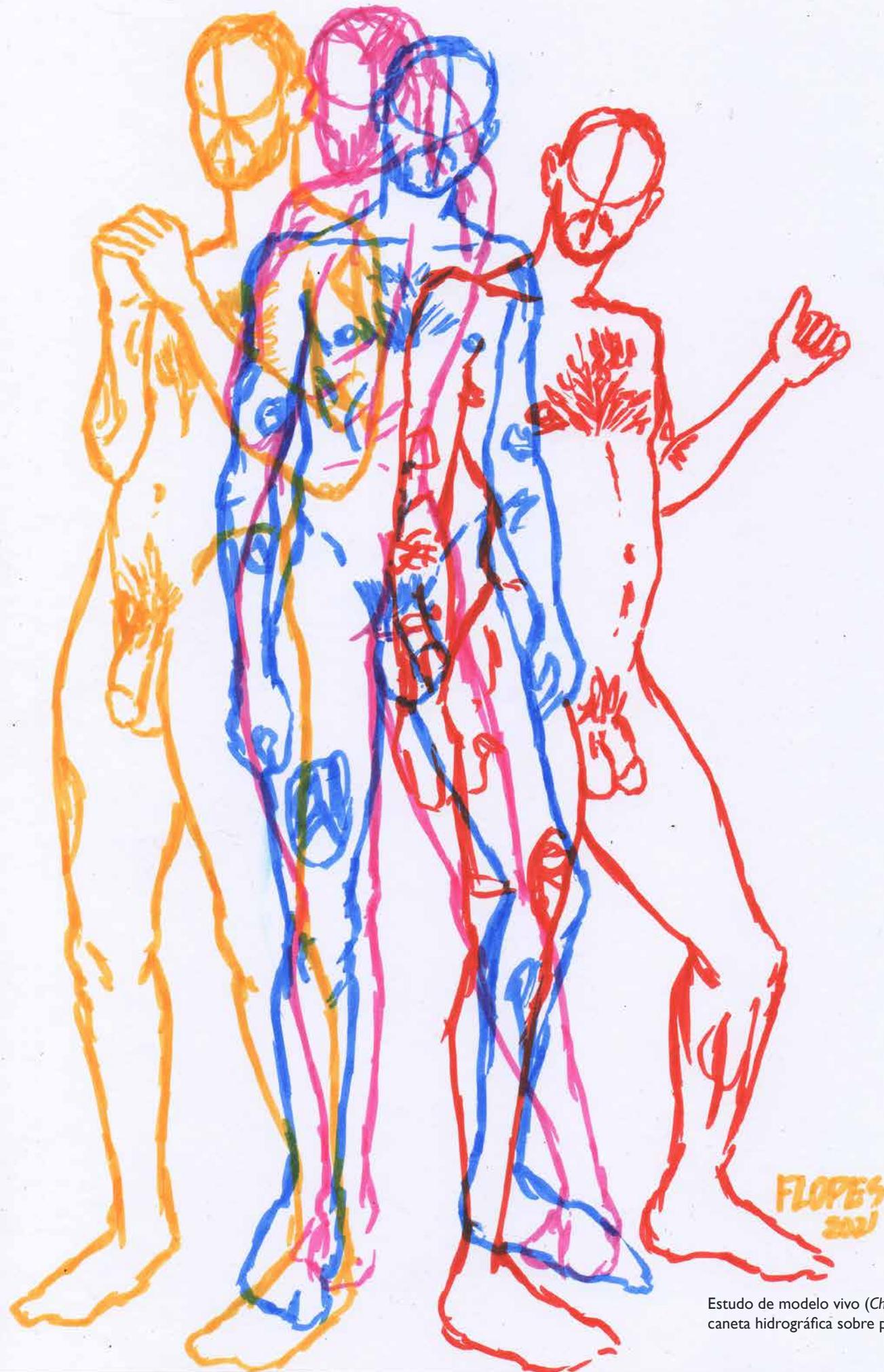
As lembranças mais antigas de **Flopes\*** são dele desenhando. De criança até um pouco depois de sua formação em Artes Visuais, sustentou a vontade de ser desenhista e se descobriu como artista, puxando influências do universo dos quadrinhos, como a estética erótica de Carlos Zéfiro (1921-1992), a anatomia e finalização impecável de Paolo Eleuteri Serpieri (1944-) na série *Druuna*, a forma de abordar o homoerotismo de Tom of Finland (1920-1991), as hachuras e arte finalização de Takehiko Inoue (1967-) no mangá *Vagabond* e a improvisação e o processo criativo de Lourenço Mutarelli (1964-), que ele teve o privilégio de ser aluno.

\* Nome artístico de Fabio Lopes.

Apesar de estudar desenho de modelo vivo desde os 18 anos, o artista paulistano revela que o período universitário foi o responsável pela reviravolta em sua produção, porque, além de começar a pintar, conheceu a performance. Nesse momento, passou a entender a prática de modelo vivo não só como um meio de estudo de observação.

*Eu gosto tanto de desenhar modelo vivo que talvez esse seja meu hobby (risos). A maioria dos meus trabalhos são feitos com referência em modelo vivo e fotos de minha autoria, ou coautoria. Egon Schiele e Modigliani são dois artistas muito importantes, pois reconheço na produção de ambos uma crueza erótica e melancólica para compor e pintar os modelos. Outro artista que me desperta essas sensações é o Eduardo Berliner, que acrescenta sarcasmo e um absurdo sombrio. Aí, chego no Magritte e no Erwin Wurm com obras que apresentam composições surrealistas, a partir da junção de corpos com objetos. Wurm é o artista que eu mais tenho revisitado. A performatividade presente no meu processo vai muito de encontro às composições corpos e objetos (corpo-objeto) de Wurm.*

Todas essas referências servem de alimento para a fluência criativa do artista, que, mesmo ao trabalhar com temas (“para me sentir menos aleatório”), prefere a intuição à hermeticidade do conceito. Também ator e drag, costuma testar suas novas ideias a partir de autorretratos para depois criar com modelos (“geralmente amigos”) em encontros que chama de Sessões de Improviso (“onde é importante não ficar preso em ideias pré concebidas”). Nesses encontros, Flopes separa alguns objetos para o modelo interagir e criar composições com o corpo. O processo é todo fotografado e arquivado em um banco de imagens para consultas posteriores.



Estudo de modelo vivo (Chris), caneta hidrográfica sobre papel.



Estudos de modelo vivo: acima, Nando, caneta hidrográfica sobre papel; e, abaixo, Thiago, nanquim sobre papel.

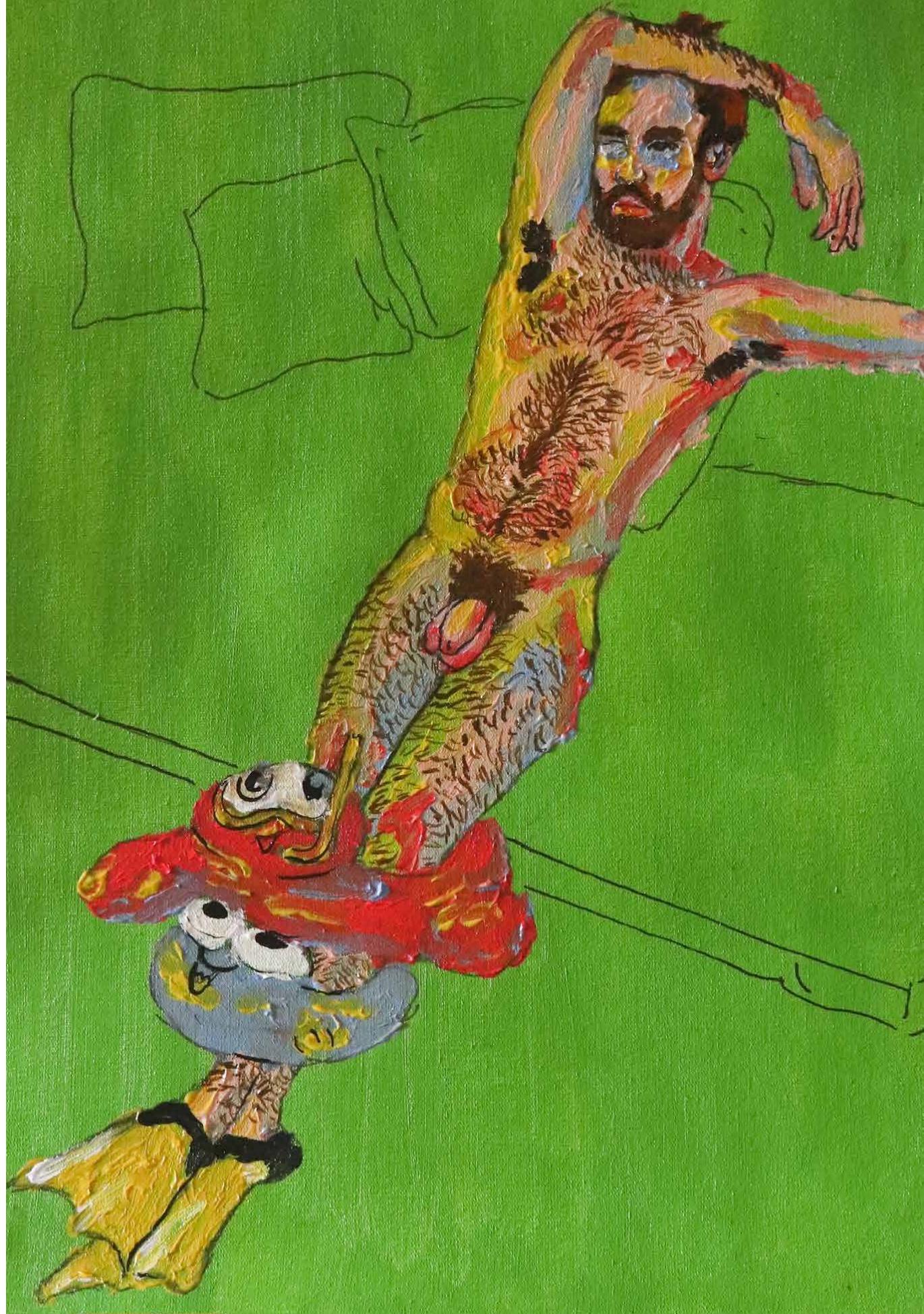




FLOPES



FLOPES



Claro que a nudez é intrínseca à sua produção e todo o corpo é do interesse do artista. Ele lembra que durante muito tempo, retratou “corpos sem rosto” por conta do tempo limite das poses nas sessões de modelo vivo (“gosto de desenhar a pose completa e acabava pulando a etapa do rosto”), mas hoje já se anima com o estudo da fisionomia.

A escolha por formas masculinas vai além do mero desejo sexual:

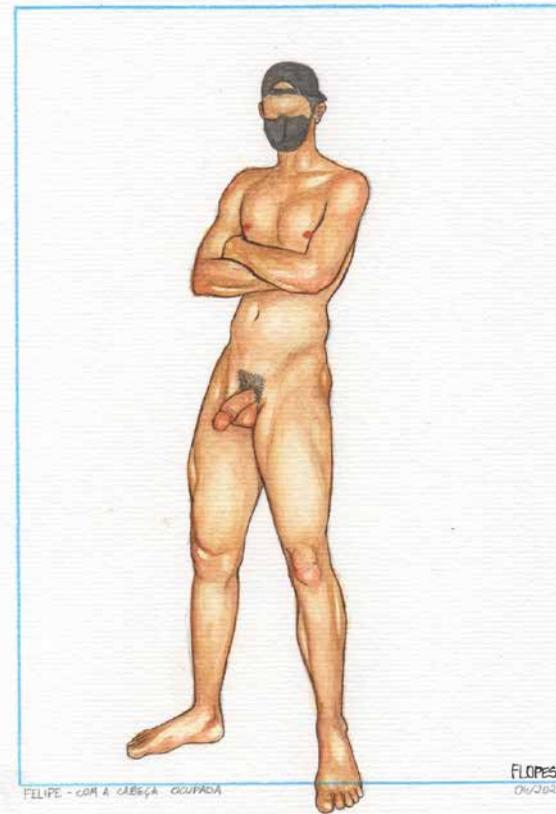
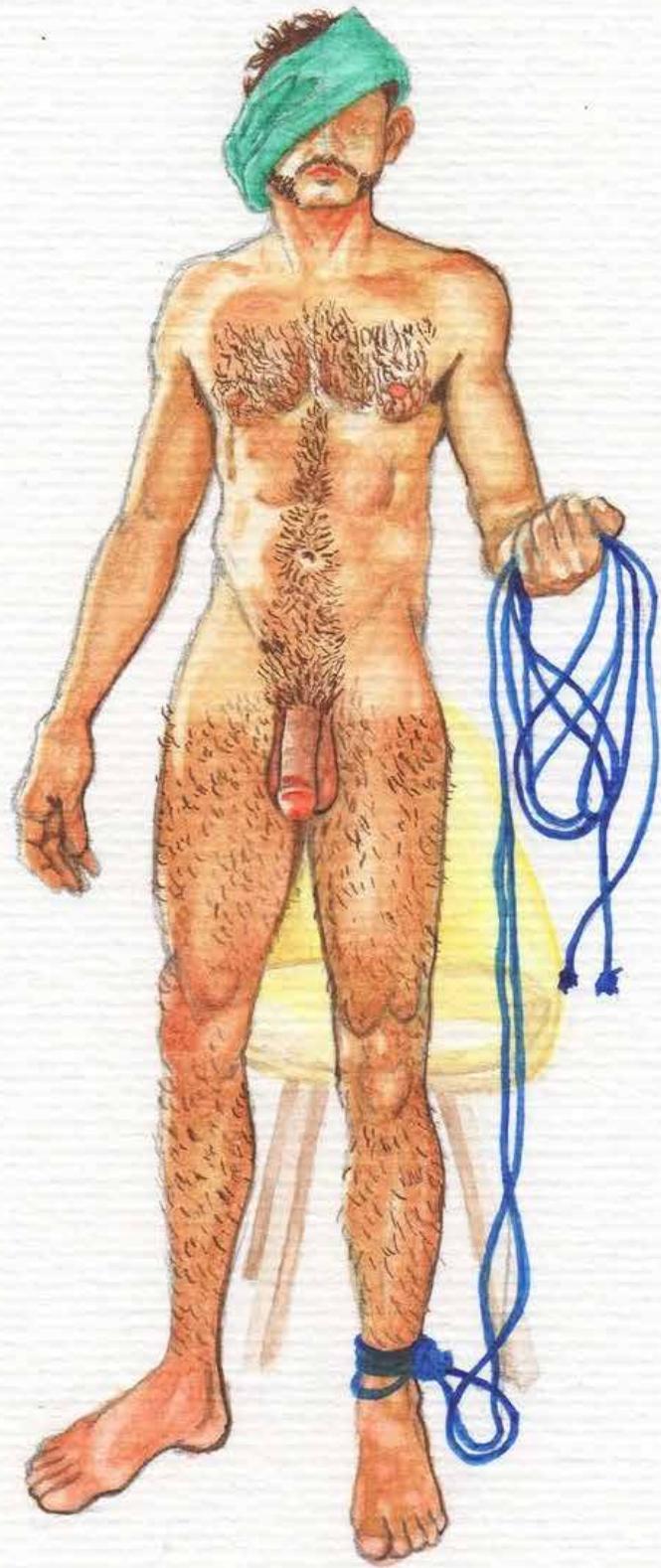
*Me sinto mais à vontade e sei erotizar quando este é o objetivo da criação. Mas acredito que tenha a ver principalmente com o desejo da troca, da vontade de retratar meus amigos ou pessoas interessantes que eu queira conhecer um pouco mais e observar suas beleza ao natural. Gosto muito de vivenciar a experiência de uma sessão privada de nu. Da inicial timidez até o momento que a nudez se torna banal, porém consciente.*



Movimento II (Ubiratan), da série Improviso Azul, grafite, nanquim e aquarela, 2024.

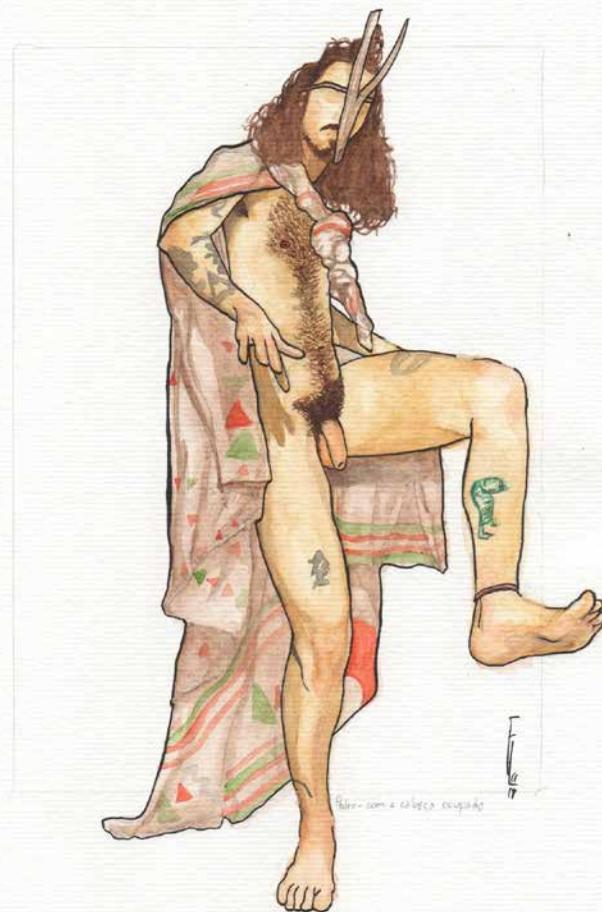


Sem título 4, da série Salva-Vidas, grafite, nanquim e aquarela sobre papel, 2024.

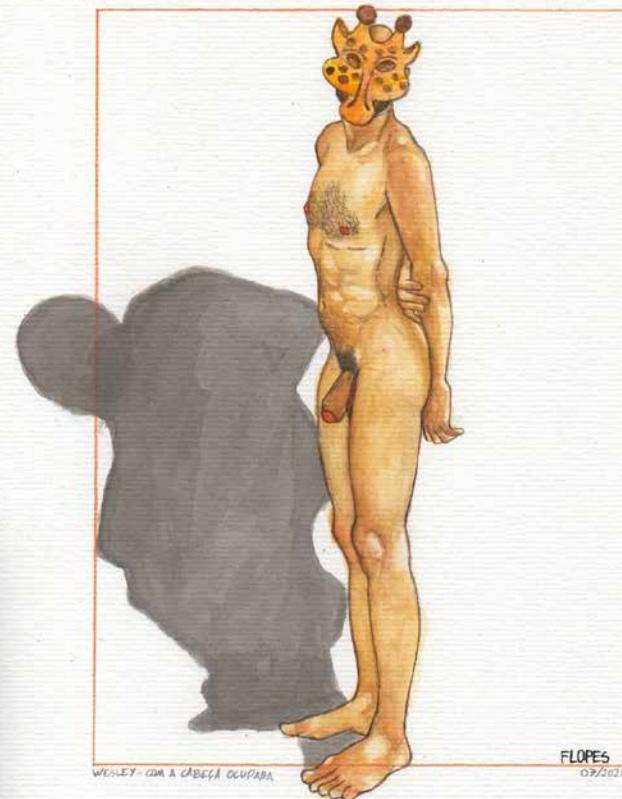


FELIPE - COM A CABEÇA OCUPADA

FLOPES  
06/2021



WESLEY - COM A CABEÇA OCUPADA

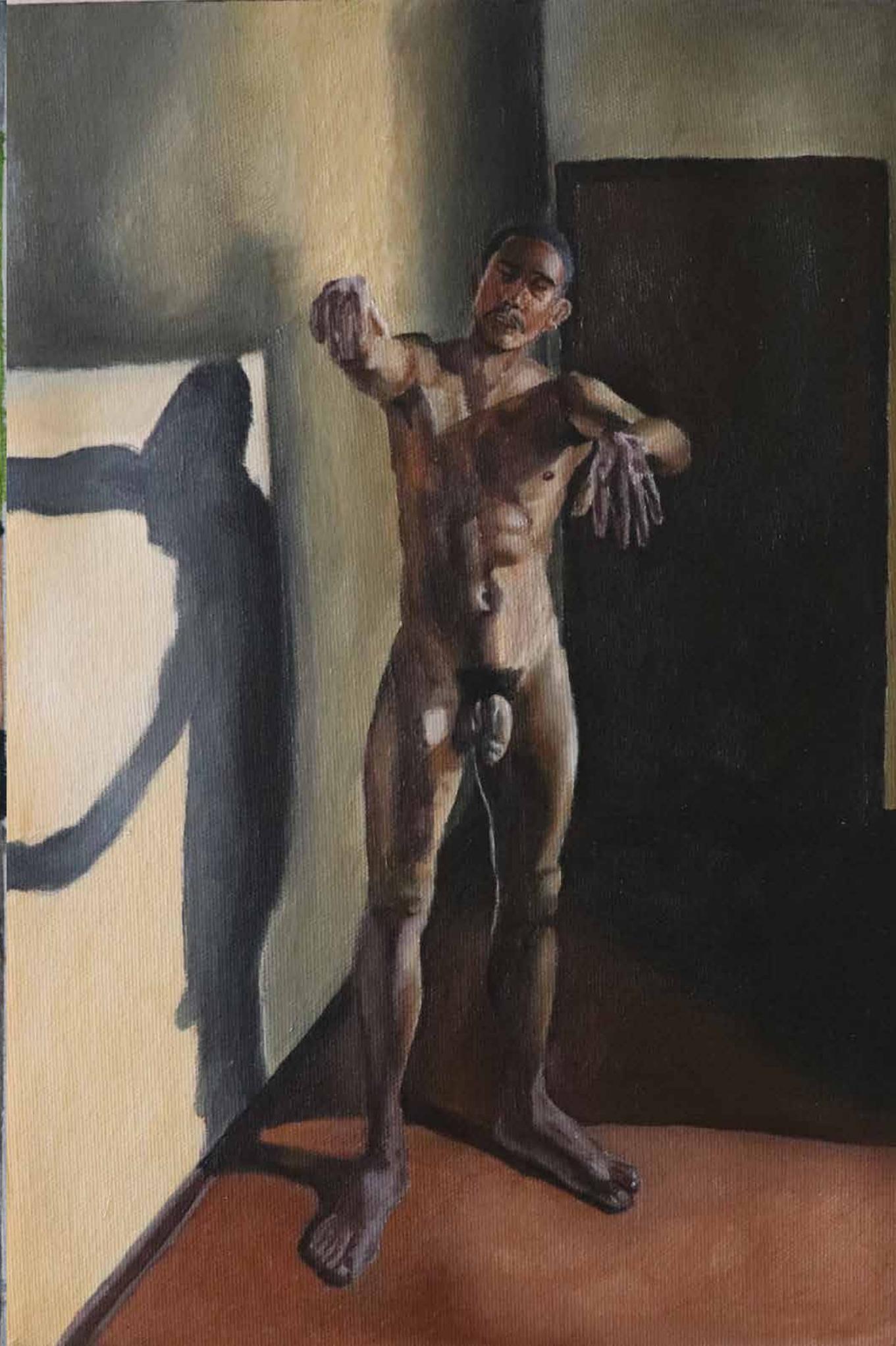


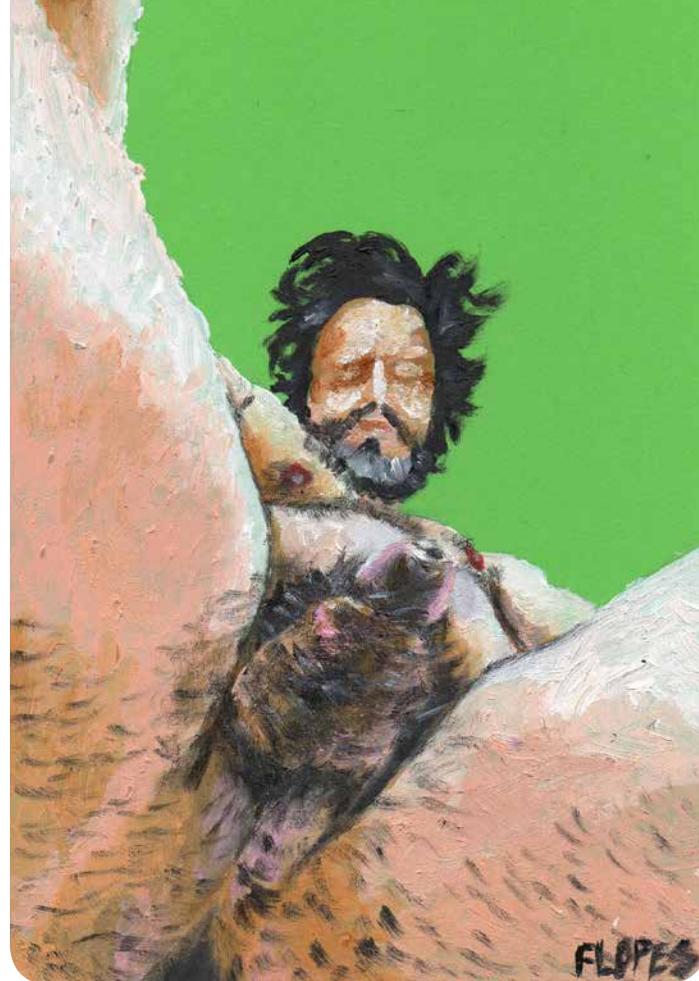
WESLEY - COM A CABEÇA OCUPADA

FLOPES  
09/2021



FLOPES





20

O artista também aponta que a nudez na arte “é uma forma de confrontar a ideia castradora de origem conservadora do medo do corpo”. Com isso, retratar genitais, sejam masculinos ou femininos, torna-se um manifesto de extrema importância.

*É lindo observar as constantes alterações de formas do pênis e do escroto, mole ou ereto. Gosto de retratar a sensação da iminência de algo.*

Ainda que nunca tenha tido receio de mostrar seus trabalhos, Flopes percebe que os tabus fora do meio artístico interferem na presença da figura masculina como objeto de arte, mas não na representação do feminino. Ele vê um maior apelo erótico sob corpos masculinos em convergência com a toxicidade e agressividade das masculinidades machistas. Isso não impede que Flopes continue a produzir, a buscar maior visibilidade, a ter bons encontros e realizar seus desejos artísticos. **8=D**

*Gyulliano (acrílica sobre tela) e John (acrílica sobre papel), 2021.*



*Cirurgia plástica para você.*



*Dr. Alcemar Maia Souto* CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

alcemarmaiasouto@gmail.com

# Allis Bezerra

por Filipe Chagas

**A**os quinze anos, **Allis Bezerra** ganhou dois presentes: uma assinatura de jornal e sua primeira câmera. E foi na adolescência desse paulistano apaixonado por arte, filho de operários nordestinos, que a fotografia o arrebatou. Do jornal ele recortava imagens de referência, consumindo outros tipos de impressos, como revistas e livros; a câmera resolveu sua frustração com o desenho e o levou à formação em fotografia; formação essa que costuma chamar de “mosaico-intuitiva-autodidata”:

*A Revista Bravo. A Revista Zum do IMS. As atividades no Sesc, Ter trabalhado na Livraria Cultura, que me deu acesso a textos, artistas e pensadores que eu não teria se não fosse aquele ambiente de livros. As aulas de história da fotografia como aluno ouvinte na USP. Alair Gomes, Mapplethorpe, Warhol. Lembro de ter chorado compulsivamente ao me deparar com as esculturas de Giacometti na Pinacoteca de São Paulo em 2012. Maria Martins, Leonilson, Lygia Clark, Oiticica, Wolfgang Tillmans, Paulo Mendes da Rocha. São muitos os nomes que compõem minha cosmologia pessoal. E nessa composição vou encontrando meu jeito.*

24

Seu “jeito” se torna livre e vai se adaptando às necessidades e vicissitudes dos ensaios. Allis diz que não é apegado à técnica, à parâmetros de câmera ou fotometria, pose dirigida ou planejamentos minuciosos. Por vezes nem tem uma imagem clara do que quer alcançar, então, prefere brincar com os elementos conforme eles se apresentam

*A vida é assim, não se controla tudo. Trabalho com a ideia de que sempre é um esboço, no sentido de que o trabalho vai se colocando. A foto se dá, e vou talhando na medida que isso acontece. Jogo com o acaso da hora. Às vezes, só no momento da edição é que percebo e monto a narrativa do ensaio. Em outras vezes, somente depois de três ou quatro ensaios é que encontro a história.*



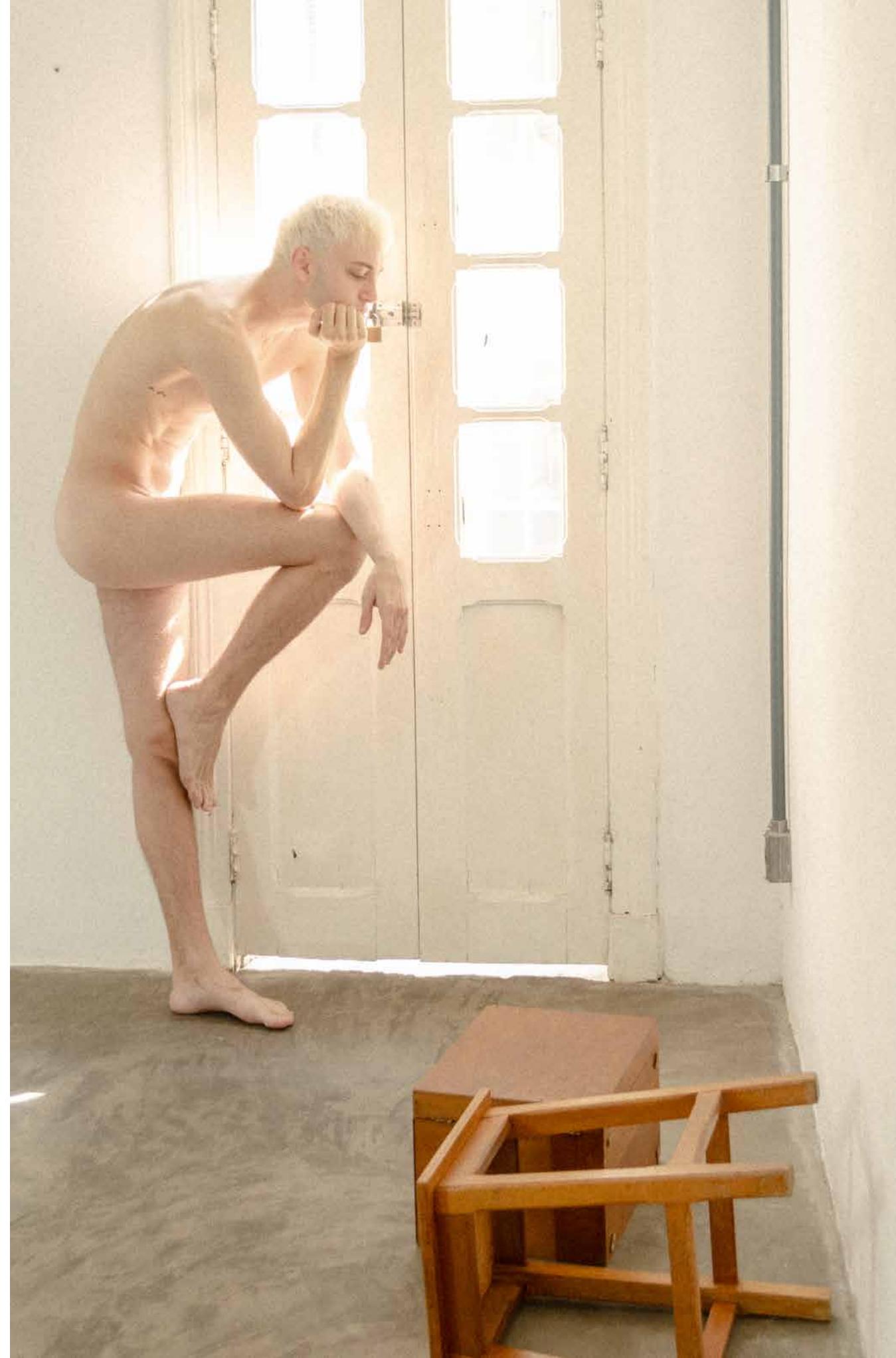
25





Desse modo, o fotógrafo entende seu processo criativo de forma colaborativa e tem um discurso ético para os “humanos” que registra. Sim, humanos, pois ele acredita que, mesmo sendo somente uma questão semântica, a troca e a experimentação conjunta fazem com que o termo “modelo” não se encaixe em sua produção.

*Comparo o processo a uma valsa: há o cortejo, a construção do encantamento, da confiança, da intimidade que permite se despir tanto literalmente quanto de medos, travas, julgamentos, preconceitos. E isso vale para ambos, fotógrafo e humano. Há uma certa influência do estado de espírito do fotojornalismo, ou seja, vou sentindo ali na hora o ambiente, a luz, a arquitetura, a cena e vou registrando. Cada um dos humanos exige uma concentração diferente, preciso estar atento para as demandas, bloqueios e aberturas de cada um deles. O desafio é desmontá-los para capturá-los nas brechas. O que fica na foto são os fragmentos dessa valsa que aconteceu ali naquele tempo-espaço efêmero. Capturar de alguma forma essas nuances de sensações e sentimentos é o que me comove, talvez mais do que a imagem do corpo nu. Penso muito na liberdade, no ato simbólico e literal que é estar nu. É investigar o que acontece no espírito, o despir-se das amarras que eu tento enquadrar. Gosto de pensar que na hora do ensaio, no transcorrer daquelas horas em que estamos ali, eu e o humano, podemos nos despir de nossas amarras, angústias e rejeições. É a nossa hora de experimentar sem julgamentos nossa liberdade de estar no mundo. Por isso, há também uma preocupação com os limites éticos da foto, já que ela não é minha, é nossa! Sempre me preocupei em deixar os humanos fotografados confortáveis e seguros, não só no instante do clique, mas principalmente com o destino dessa imagem. O registro é meu, mas a imagem impressa é deles. É preciso ter cuidado com o que será feito dessa imagem. Não posso brincar com a confiança deles. Busco o equilíbrio entre a auto censura e a exposição honesta e respeitosa.*





ARTHE



Os humanos de Allis são homens que estão para além de um primeiro impulso marcado pelo desejo genuíno ou de um simples estudo formal de abrangência infinita. Há também o interesse em investigar esse corpo, sua forma, sua composição, suas características através do afeto, do espelhamento, da familiaridade e da intimidade, e compreendê-lo através da Arte. Acontece, então, um processo de autoinvestigação e autoaceitação. Ele lembra que seu primeiro ensaio aconteceu na semana que concluiu o curso de fotografia. Mesmo sem ter ainda uma poética definida, ele já via que era sua hora de falar sobre a masculinidade. Porém, foi preciso enfrentar sua autorrejeição e a homofobia internalizada para adquirir a coragem de assumir seu desejo.

*Quando fotografo homens nus estou me despindo também, me revelando. Digo o que penso e o que sinto sobre aquele corpo. Isso fica eternizado na imagem. É um jeito de mostrar minha sexualidade por meio do meu trabalho. É uma resposta à violência homofóbica. De afirmar que não há nada de errado, sujo, feio ou pecaminoso na minha sexualidade. É algo, então, com dois sentidos: resposta e afirmação. Um processo de cura.*





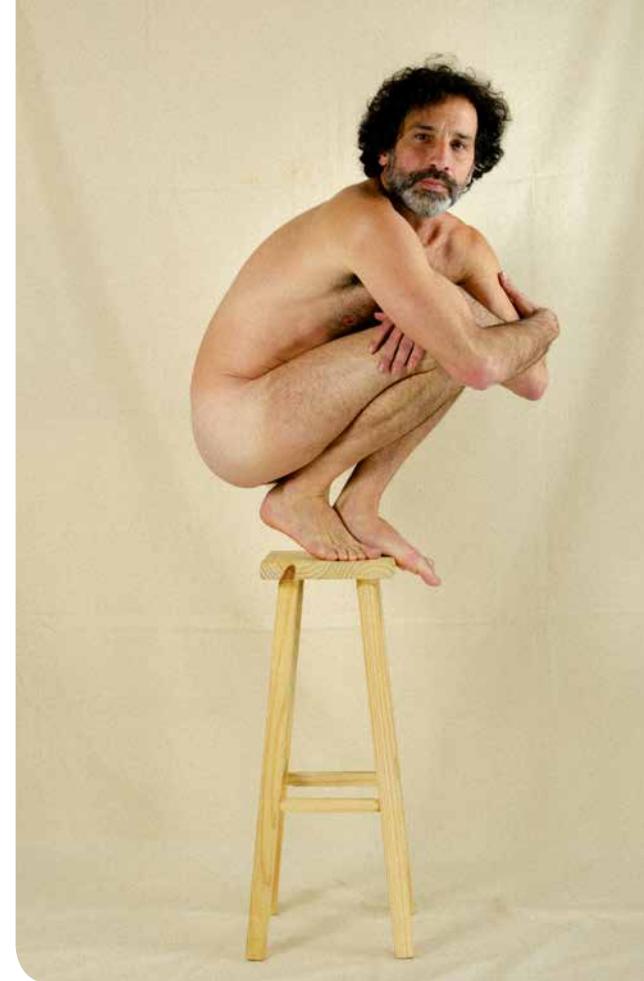


Em retrospectiva, Allis constata que os corpos pareciam fragmentados no começo (“os pelos pubianos, a cueca branca, as axilas”), como se, de forma afobada, capturasse inconscientemente apenas seu interesse erótico bem como buscasse proteger as identidades (“um corpo já em pedaços não pode ser machucado”). Também identificou muitas fotos com os humanos de costas ou com seus rostos escondidos e entendeu como uma manifestação paradoxal de sua própria vergonha (“estava me revelando ao mesmo tempo que me negava e negava a identidade dos rapazes”).

Com o tempo a percepção do corpo foi ganhando totalidade, integridade e expandido para outras leituras que não só o erótico. A fragmentação agora é mais pela intenção de afirmar do que esconder (“e os pelos pubianos continuam aparecendo porque eu amo”). O pênis torna-se um objeto de múltiplos entendimentos, sobretudo com a possibilidade de usá-lo como ferramenta de libertação do corpo masculino frente ao patriarcado e ao machismo. Ele sente que tem se encaminhado para a essência do retrato que registra não só o físico, mas também o emocional invisível.

*Vivemos numa sociedade muito confusa, ao mesmo tempo falocêntrica e repressora da imagem do pênis, ainda mais quando associada ao desejo homossexual. É necessário que se naturalize os corpos nus, e que esses corpos estejam livres para serem percebidos em diversas camadas, inclusive a erótica. É necessário que os artistas se sintam seguros e livres para trabalharem com esse tema se assim os convém. Um pênis exposto, pode ser também uma resposta ao obscurantismo, um gesto de liberdade. Aliás, a libertação do corpo masculino pode ser saudável não só para os homens, mas para toda a sociedade. Há um debate amplo e importante sobre a dimensão histórica do corpo feminino, mas não vejo o mesmo sobre o corpo masculino, sobretudo no sentido de libertá-lo do próprio veneno do patriarcado e do machismo.*





Na medida em que avançam as conquistas reivindicadas pelos movimentos que lutam pela liberdade de pessoas LGBTQIAPN+, a exposição do corpo masculino segue junto (“especialmente a partir do protagonismo gay masculino na criação e circulação do nu erotizado”) e, conseqüentemente, a aceitação das imagens que constrói. Claro que o fotógrafo enxerga o retrocesso conservador que ainda gera desconfiança quando diz que trabalha com nudez masculina (“odeio a expressão ‘nu artístico’ [risos]), mas também percebe a maior liberdade que permite que ele participe de exposições, faça zines e aumente a visibilidade de seu trabalho.

Allis sustenta sua generosidade ao aconselhar aqueles que pretendem trabalhar com arte e com nudez:

*Conselho é uma palavra muito forte (risos). Arriscaria uma sugestão: é preciso estar atento e forte, como canta Gal. Atento para sentir o mundo, estudar e observar a arte e suas histórias, olhar para além do seu tema, da sua pesquisa. E forte para enfrentar os obstáculos do fazer artístico que são ainda maiores para quem se propõe a trabalhar com nudez, erotismo e assuntos correlatos. O sistema das artes incorporou com veemência as narrativas neoliberais de estar no mundo. Tudo é disputa e concorrência! Há uma dimensão lúdica, sensível, humana do fazer artístico que está se perdendo. Então, não veja seu colega de profissão como um inimigo. Sempre é possível crescer junto. E claro, não tenha medo de errar! Viva nu, sem perder a ternura!*

**8=D**



Falo de História

por Filipe Chagas

# Michael Leonard

1933-2013



**N**ascido em Bangalore, Índia, em 1933, filho de pais britânicos, **Michael Leonard** (1933-2023) retornou à Inglaterra para completar sua educação em 1945, no fim da Segunda Guerra na Europa. Aos 19 anos, serviu ao exército e, dois anos depois, foi para a St. Martin's School of Art (agora parte da Central Saint Martins) em Londres onde estudou Design Comercial e Ilustração.

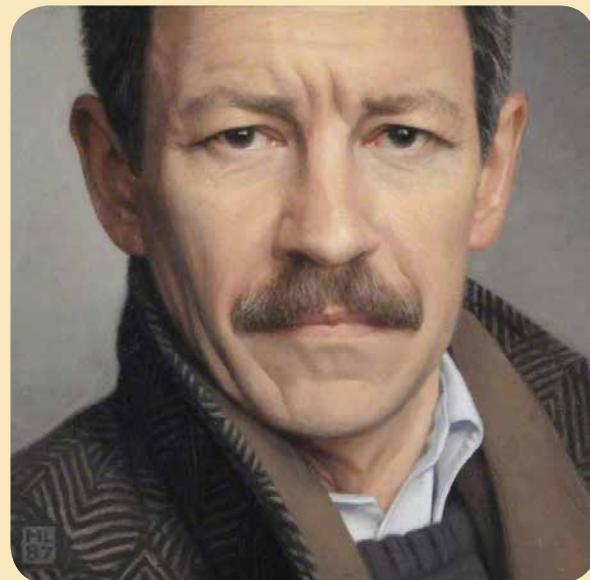
*Na época, me pareciam disciplinas mais propensas a me proporcionar um futuro viável do que belas artes. Lá aprendi sobre o mundo da tipografia e do design gráfico. Como isso foi muito antes do advento dos computadores, tudo tinha que ser feito à mão.*

Quando deixou a Art School, em 1957, já estava trabalhando como ilustrador freelancer (especialmente para a *Reader's Digest* e a *The Sunday Times Magazine*) e, por muitos anos, esteve ocupado produzindo arte para revistas, publicidade e imprensa. Produziu capas para todas as categorias concebíveis de livros (biografias, romances, thrillers, épicos de guerra e faroestes, bem como histórias de fantasmas, ficção científica e fantasia) e achava essa grande variedade extremamente estimulante.

Enquanto trabalhava como ilustrador em um pequeno estúdio no Soho, em Nova York, Leonard experimentava a pintura em casa ("senti a necessidade de expressar uma visão mais pessoal"). Visitas na hora do almoço à National Gallery alimentavam sua vontade crescente de fazer fotos para a parede em vez da página.

*Embora eu amasse ilustração, já sabia que uma boa pintura tinha que ser mais do que apenas uma grande ilustração em uma moldura. O que esse "mais" poderia ser, eu ainda estava para descobrir.*

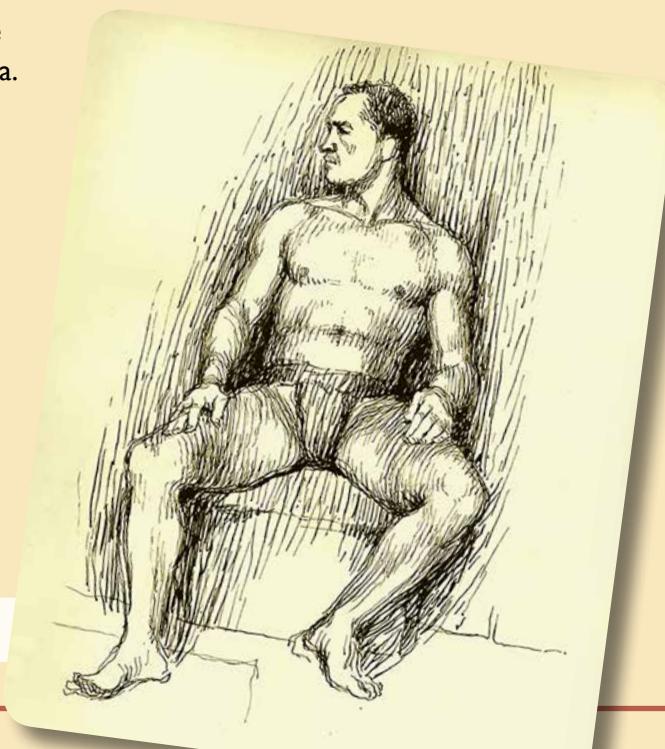
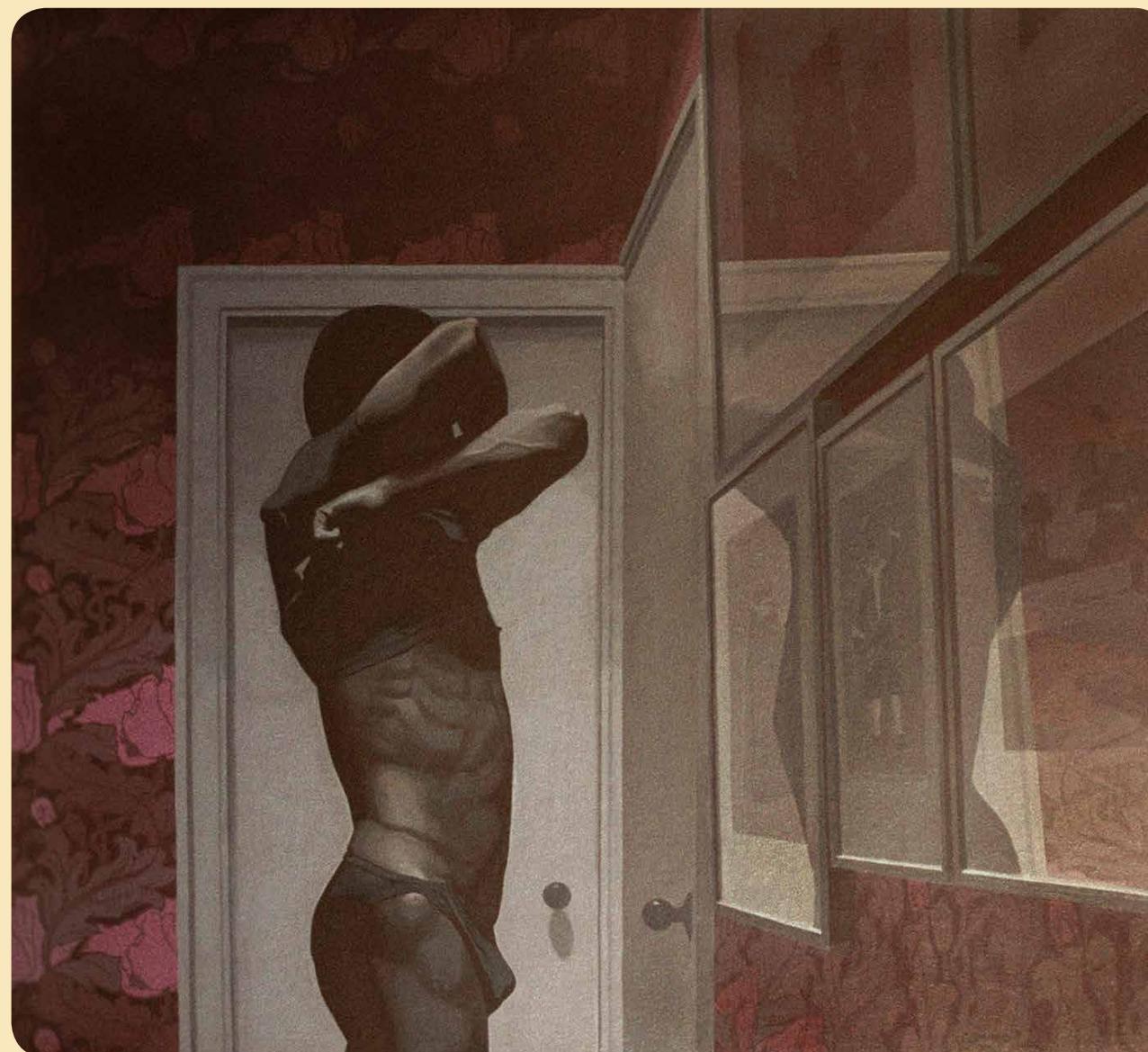
No início, suas pinturas tendiam a ser formais, sóbrias e discretas, com pessoas sentadas em suas salas com seus cachorros ou velejando no rio, em uma tentativa de se distanciar de seus diários escolares de esboços e do sensacionalismo do mundo



Autorretrato, óleo alquídico sobre Masonite, 1987.



Na página ao lado, *Leroy com cobertor 1 e 2* e *Figura preta se despindo*, todas em acrílica em Masonite, 1970.



Nu robusto, nanquim sobre papel, 1955.



Shawn com gato branco, acrílica sobre Masonite, 1971.

comercial. Inspirava-se em pintores da corrente realista estadunidense, como Edward Hopper (1882-1967), que também havia feito carreira de ilustrador, e nos realistas “líricos” como Paul Cadmus (1904-1999).

Em 1966, ainda em busca de um modo de expressão adequado, embarcou em uma série de pinturas com muitas texturas em temas mitológicos (“eu era obcecado na época”). Também criou imagens que sugeriam artefatos antigos recentemente escavados, com vestígios de terra ainda agarrados a eles. É possível notar uma inclinação abstracionista (“que encontrei no trabalho de Robyn Denny [1930-2014]”) nesse período, porém, que não se perpetuou.



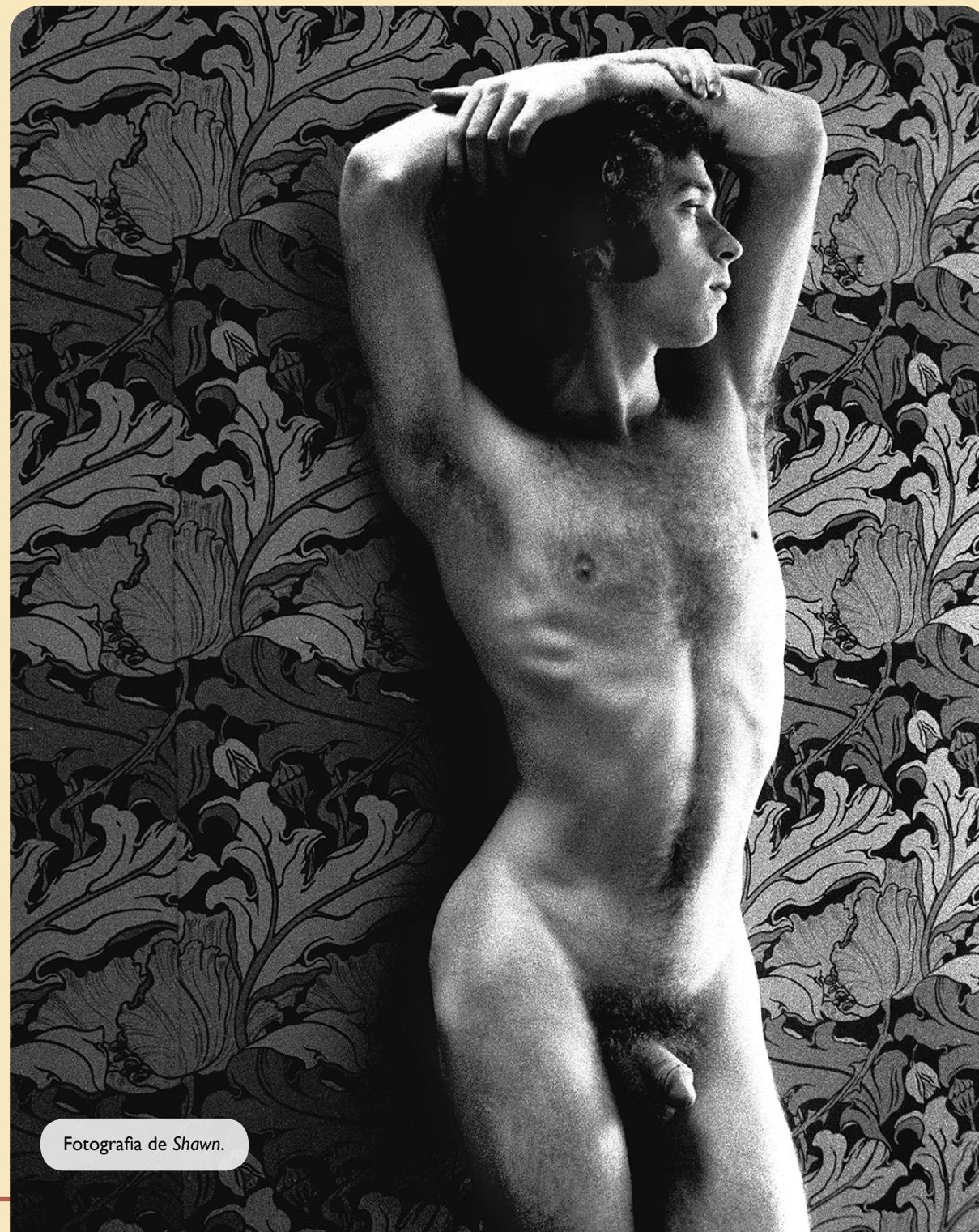
Ícaro através do Sol e Ícaro queimando, ambos em técnica mista, c. 1960.

Figura emergente, técnica mista, c. 1960.



Ao longo de sua vida profissional, Leonard também usou a fotografia – que ele mesmo revelava –, fosse como lazer, meio de expressão ou ferramenta de registro para suas pinturas. Muitas vezes, encorajava seus modelos – geralmente amigos – a atuarem em vez de esperar que eles fossem eles mesmos na frente da câmera (“paradoxalmente, isso os ajudava a relaxar”).

*Processei um filme pela primeira vez em 1967, passando-o nervosamente de mão em mão por um fluido de revelação em uma sala escura. [...] Logo descobri que negativos pretos densos submetidos à longa exposição poderiam resultar em impressões tão sedutoramente granuladas quanto os desenhos de Seurat.*

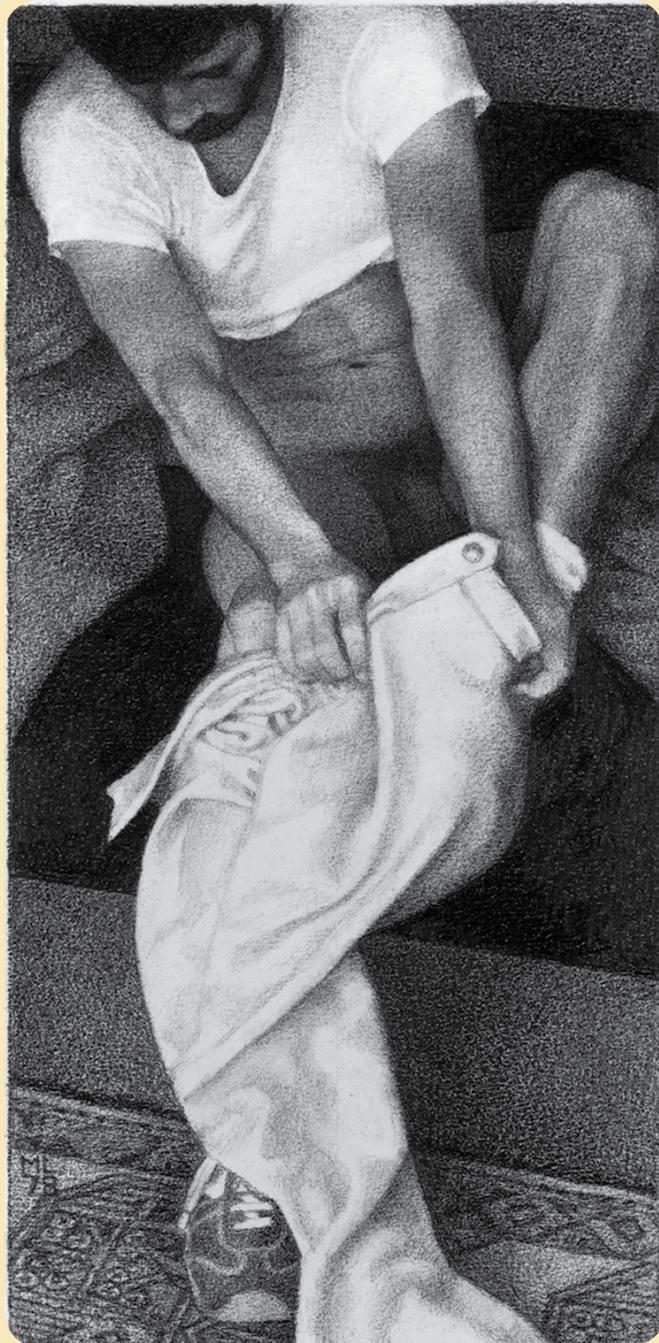
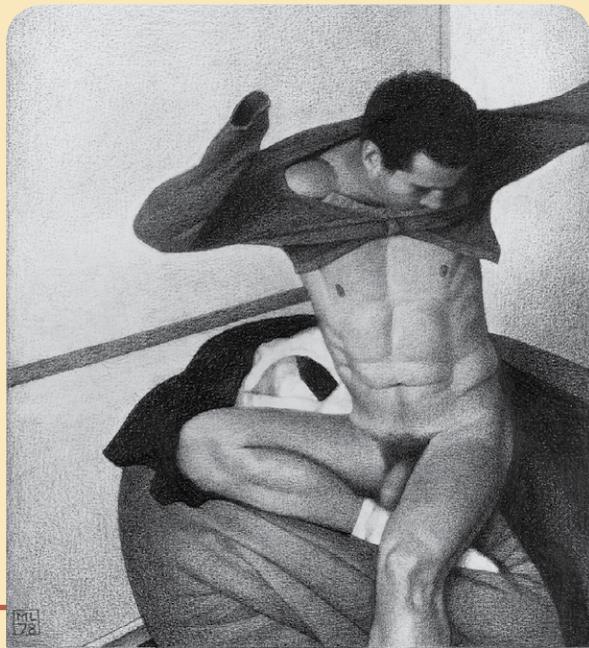


Fotografia de Shawn.

Inclusive, muitos dos desenhos à grafite de Leonard sugeriram o mesmo caminho granulado tomado por George Seurat (1859-1891) no desenvolvimento do Divisionismo, pintor que ele reverenciava pelo tratamento do espaço negativo, ou seja, a importância dada a toda composição, não somente às figuras principais. Com o tempo, até mesmo sua fotografia foi perdendo a granulação para assumir um tom mais documental.



Grafites em papel, 1978-79.



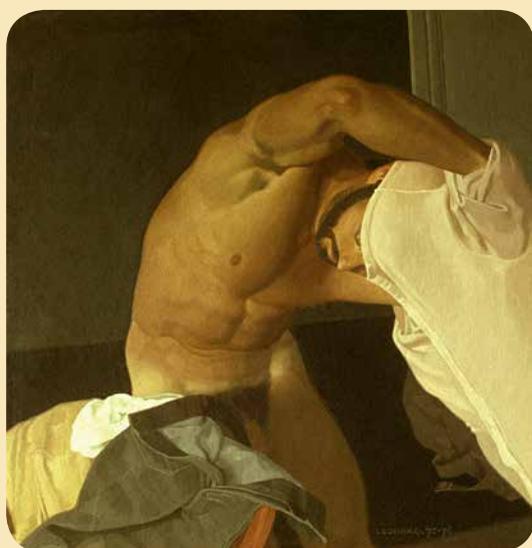
Homem deitado de costas, grafite em papel, 1980





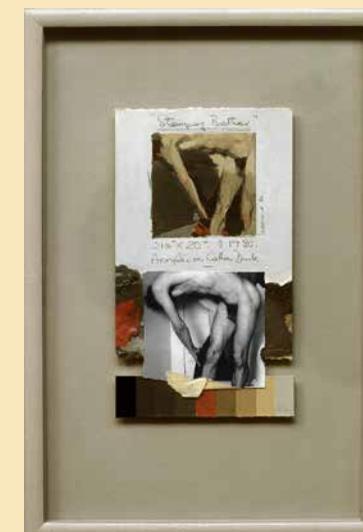
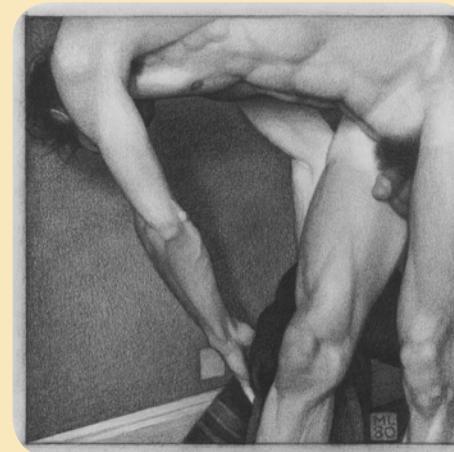
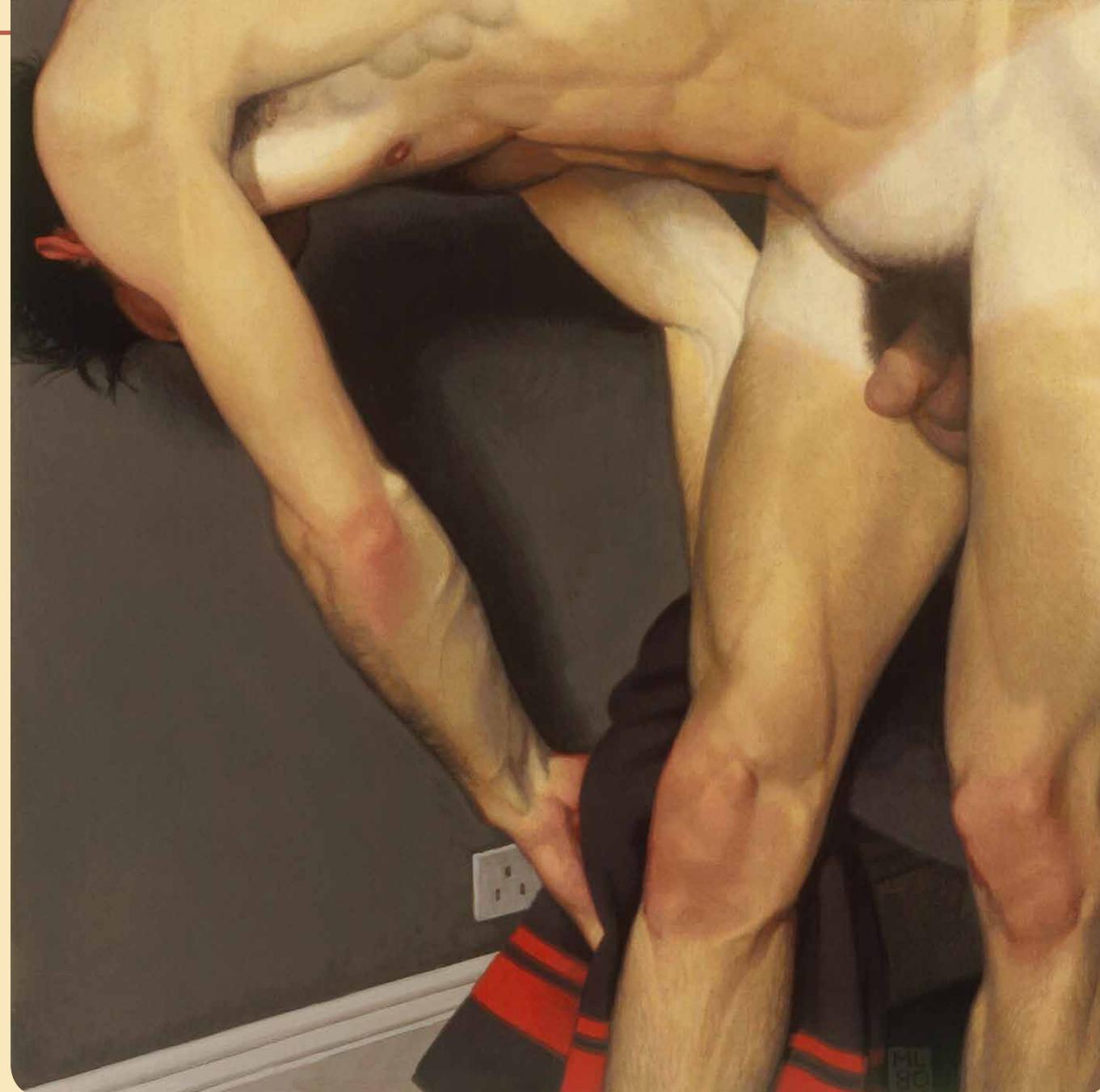
Em 1969, Leonardo pintou seu colega ilustrador Roger Coleman, com quem adorava visitar a National Gallery. Leonard revelou que, um dia, enquanto os dois estavam em frente a *A Adoração do Bezerro de Ouro* (ao lado), de Nicholas Poussin (1594-1665), Roger perguntou o que ele achava da pintura. Depois de observá-la por um tempo, Leonard percebeu que, embora cheia de figuras dançantes e gesticulando, a imagem mantinha um equilíbrio satisfatório em uma sequência ordenada de formas e espaços. Foi nesse momento que ele atentou que esse era o caminho criativo que estava procurando desde o início.

Cor e dinamismo foram surgindo em sua pintura, com inspirações nos pintores impressionistas Edgar Degas (1834-1917) e Gustave Caillebotte (1848-1894). O nu masculino se tornou um tema recorrente de estudo dinâmico do movimento, mesmo quando as figuras estão em repouso ou em um estado de transição (em sua maioria, no ato de despir ou vestir). Por isso, quase todas as suas pinturas de nus possuem desenhos que, além de serem estudos preparatórios, são fins em si mesmos.



*As ações comuns de cada dia apresentam um potencial pictórico infinito. Uma meia volta, uma mudança de equilíbrio, às vezes apenas uma intenção de movimento pode animar uma figura inteira. Isso aparece mais clara e dramaticamente na anatomia masculina. Sou fascinado pelas interações sutis de músculos, ossos e tendões que entram em jogo quando um corpo se move. Inconscientemente, um homem faz formas maravilhosas ao vestir uma camiseta, calçar uma calça ou se secar com uma toalha após o banho. Pedia aos modelos que se movimentassem em câmera lenta para me dar a chance de registrar algumas das formas maravilhosas que estavam fazendo. Essas formas geralmente sugerem a urgência do esporte ou a graça medida da dança e, de vez em quando, trazem à mente a postura de uma figura memorável de uma grande obra de arte. Admiro [Egon] Schiele (1890-1918) por seu poder erótico, perfeição gráfica e senso infalível de design. Com essas referências em mente, até mesmo a atividade mais rotineira adquire ressonância.*

*Homem se despindo, acrílica sobre Masonite, 1978.*



*Acima, Banhista curvado, acrílica sobre algodão, 1980. Ao lado, estudo em grafite e colagem em técnica mista com foto original e paleta de cores.*

1



2



7



8



3



4



9



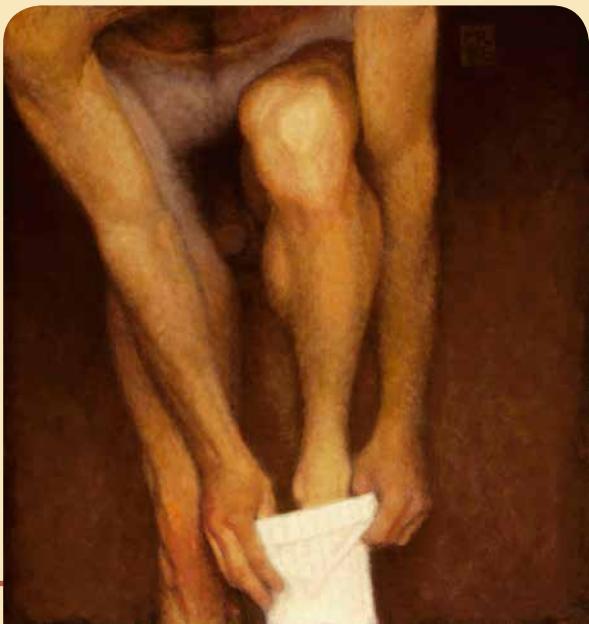
10



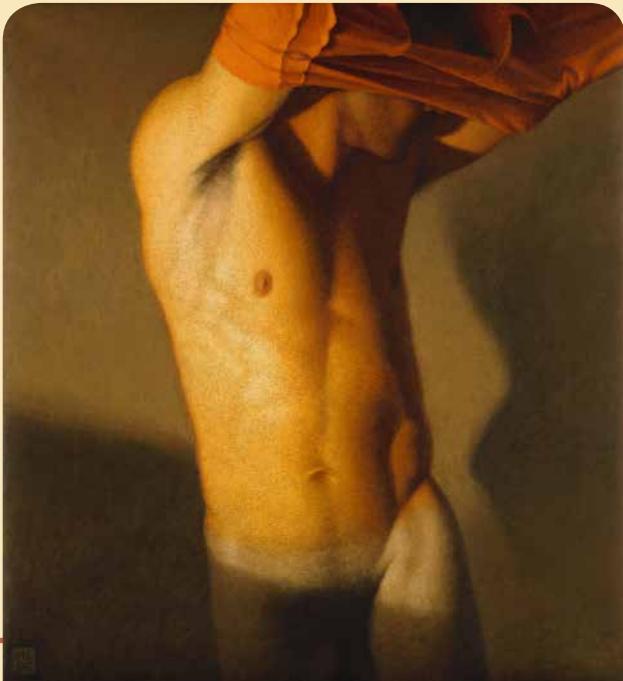
52

53

5



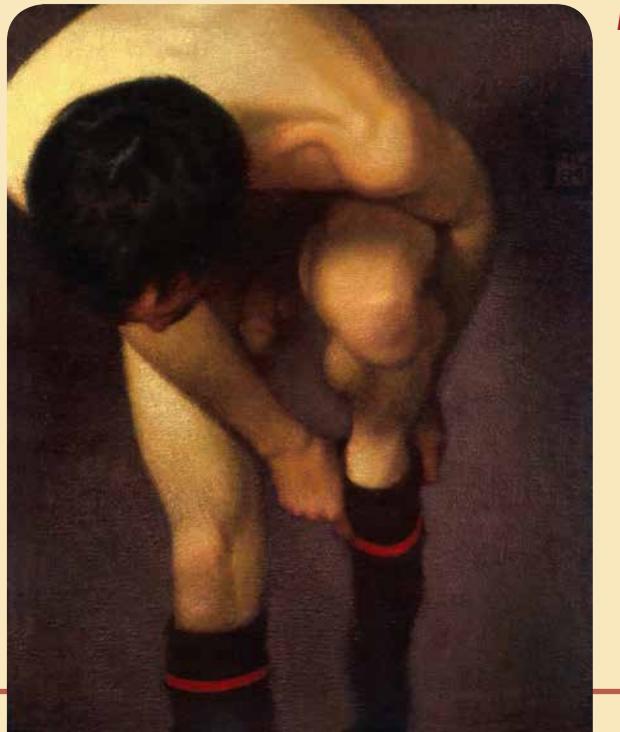
6



11



12



Na página anterior: (1) *Banhista desequilibrado*, óleo alquídico em Masonite, 1999; (2) *Nu sentado*, acrílica sobre algodão, 1983; (3) *Torso*, óleo alquídico em Masonite, 2008; (4) *Trocar para branco*, óleo alquídico em Masonite, 1994-96; (5) *Meia branca*, óleo alquídico em Masonite, 1986; (6) *Nu torcido*, acrílica sobre algodão, 1986; (7) *Banhista secando a perna*, óleo alquídico em Masonite, 1991; (8) *Banhista secando a perna*, óleo alquídico em Masonite, 1986; (9) *Homem romã*, óleo alquídico em Masonite, 1995; (10) *Torso; O Minotauro*, acrílica sobre algodão, 1984; (11) *Joelho do banhista*, óleo alquídico em Masonite, 1996; e (12) *Nu curvado*, acrílica sobre algodão, 1984.

*Banhista com intenção 2*, óleo alquídico sobre Masonite, 2008.

*Em retratos, busco uma presença vívida; em nus, um senso de dinamismo e graça animal; em naturezas-mortas, um arranjo carregado, mas harmonioso. Em todo o meu trabalho, a realidade observada é sustentada por valores abstratos.*



*Padrão de membros*, óleo alquídico sobre Masonite, 2000-2001.

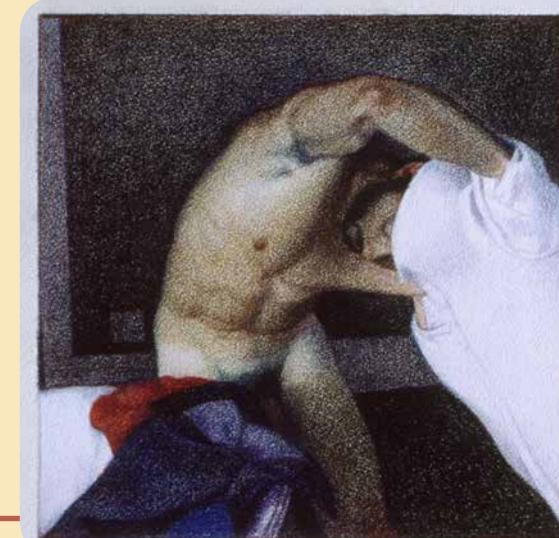
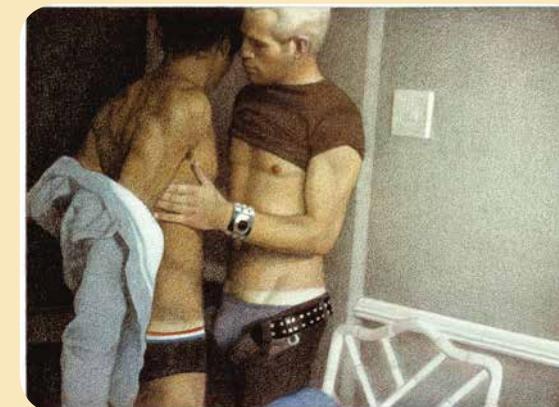
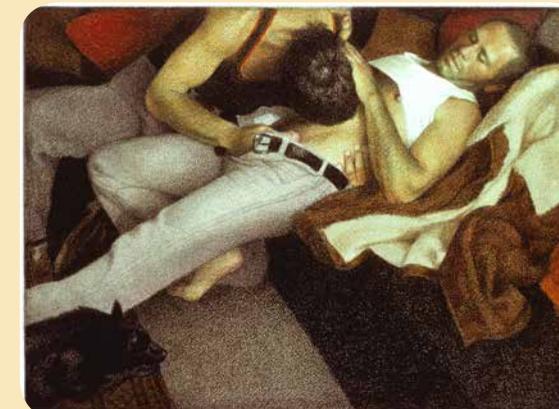
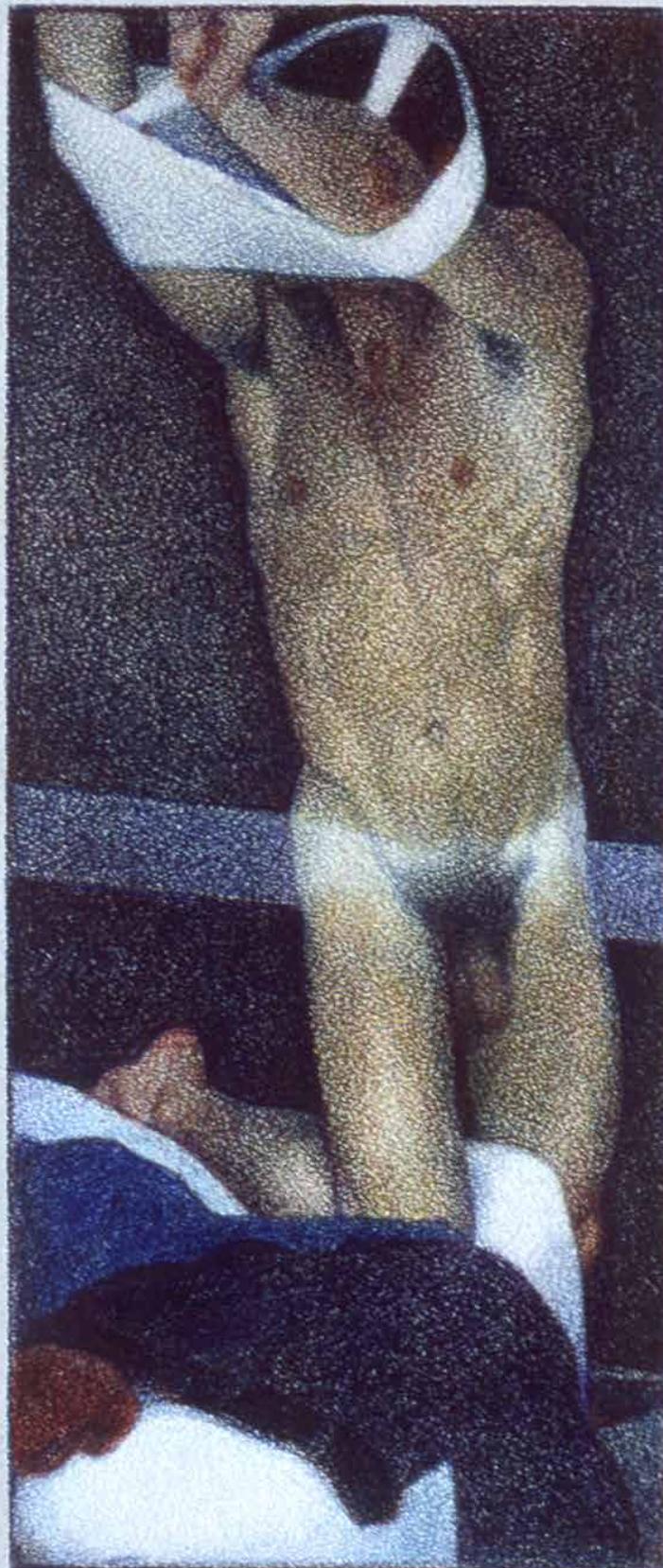
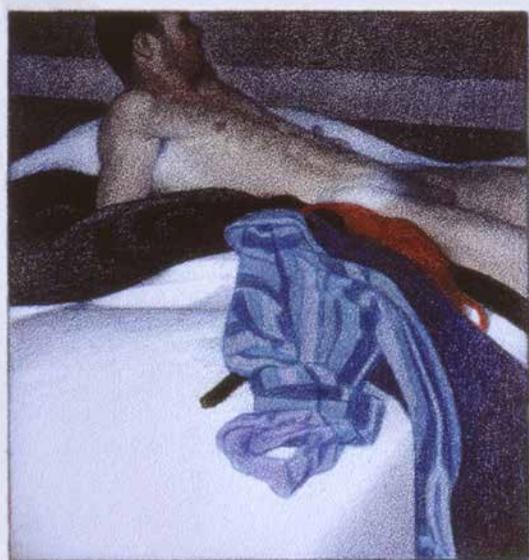


Em 1972, seu trabalho chamou a atenção de uma distinta galeria de Londres, e várias de suas pinturas foram incluídas em uma de suas exposições coletivas. Finalmente, após quarenta anos criando, em 1974, a galeria proporcionou sua primeira individual e ele gradualmente deixou a ilustração em segundo plano.

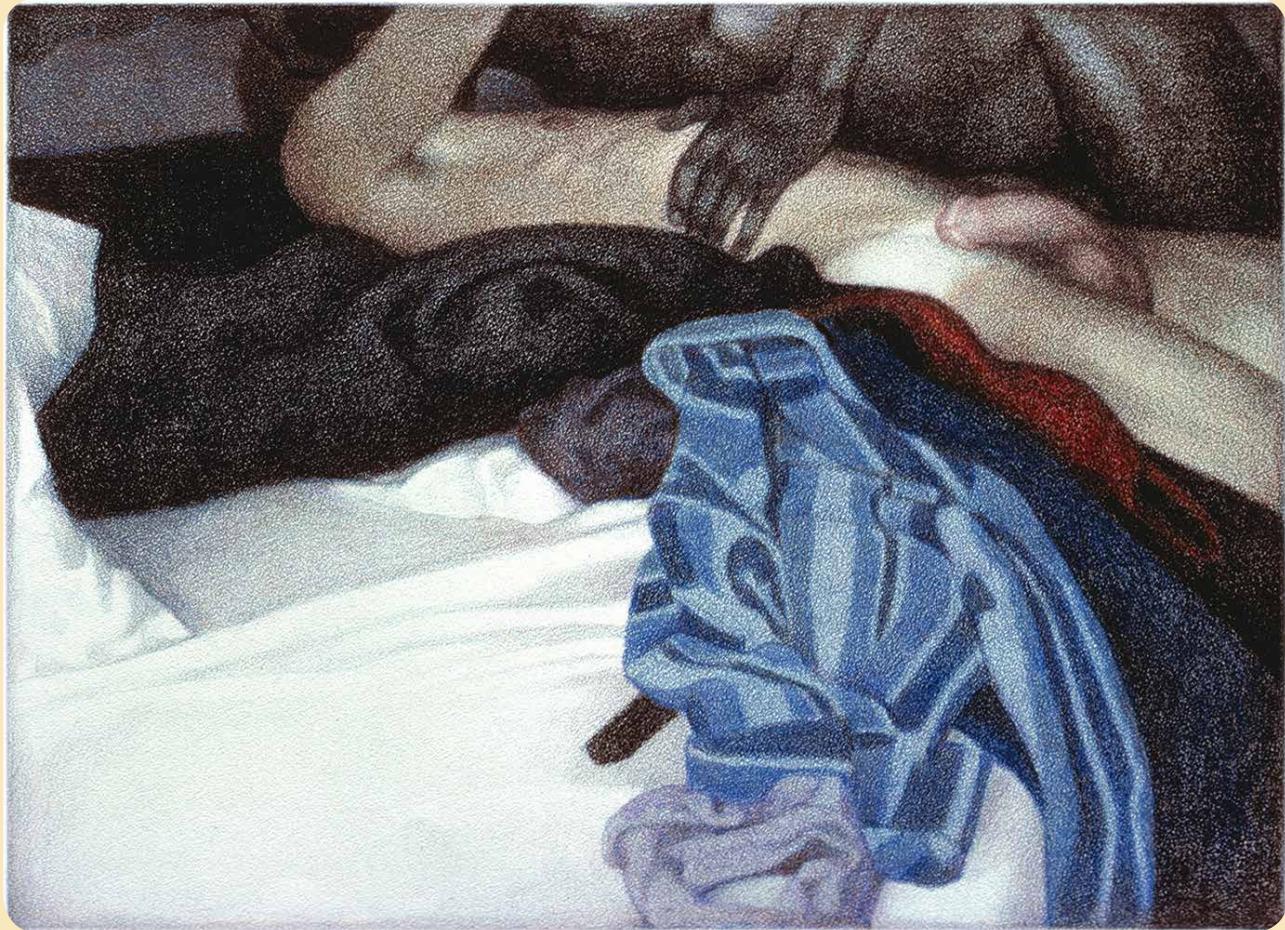
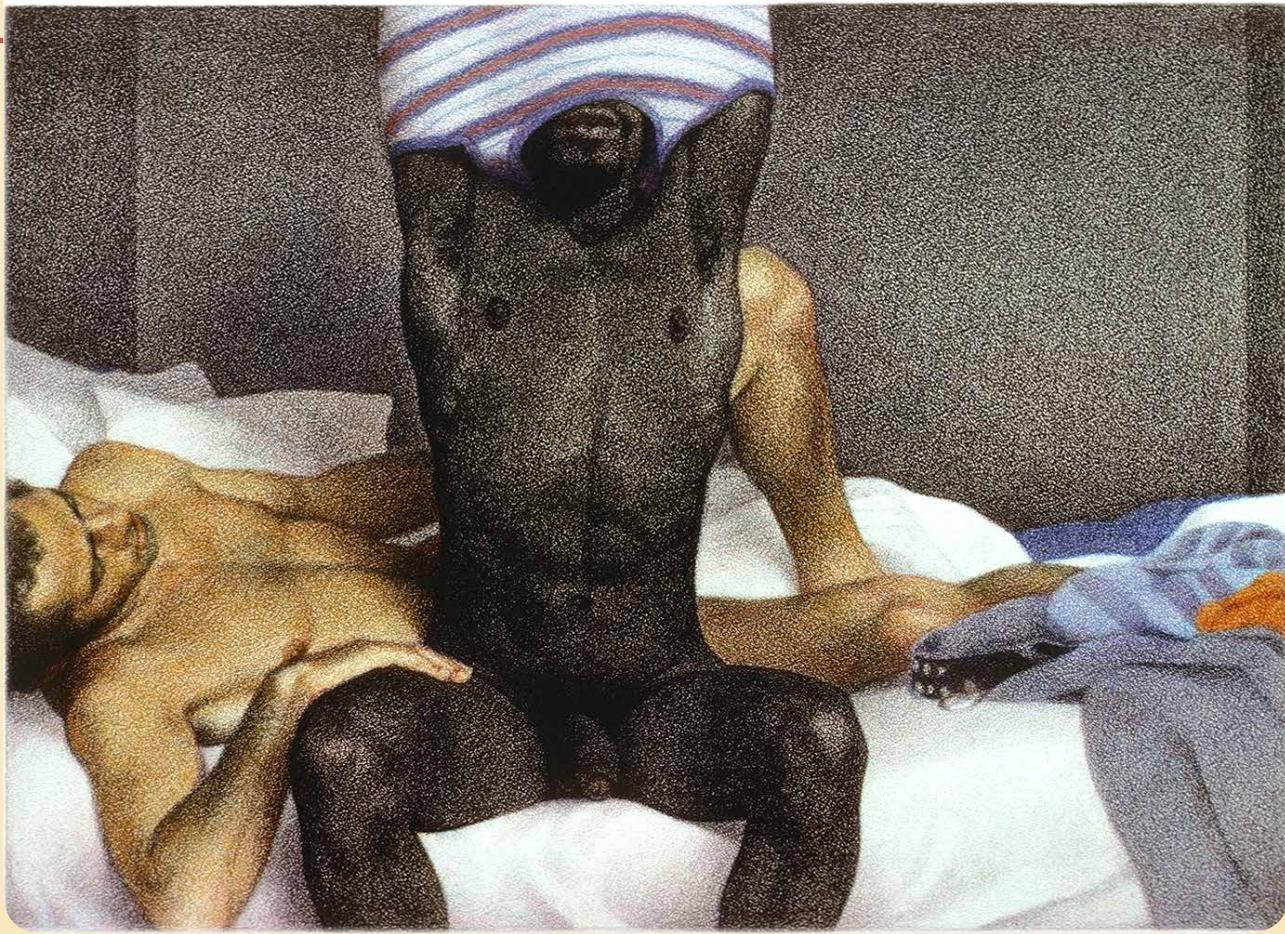
Em 1977, Leonard criou obras para o livro *The Joy of Gay Sex* e conta:

*[A editora britânica] Mitchell Beazley pediu minha ajuda para seu próximo projeto, The Joy of Gay Sex, uma contraparte gay de The Joy of Sex, de Alex Comfort. O mundo era um lugar muito diferente em meados dos anos setenta. A revolução gay ainda estava em seus primeiros dias e o espectro da AIDS ainda não havia se revelado completamente. Para um homem gay tímido como eu, parecia o momento perfeito para tal livro.*

Vale lembrar que ter relações homossexuais era considerado crime na Inglaterra e no País de Gales até 1967, na Escócia até 1980 e na Irlanda do Norte até 1982. Leonard usava de suas imagens com excesso de sensualidade voyeurística para tangenciar as mudanças na sociedade.



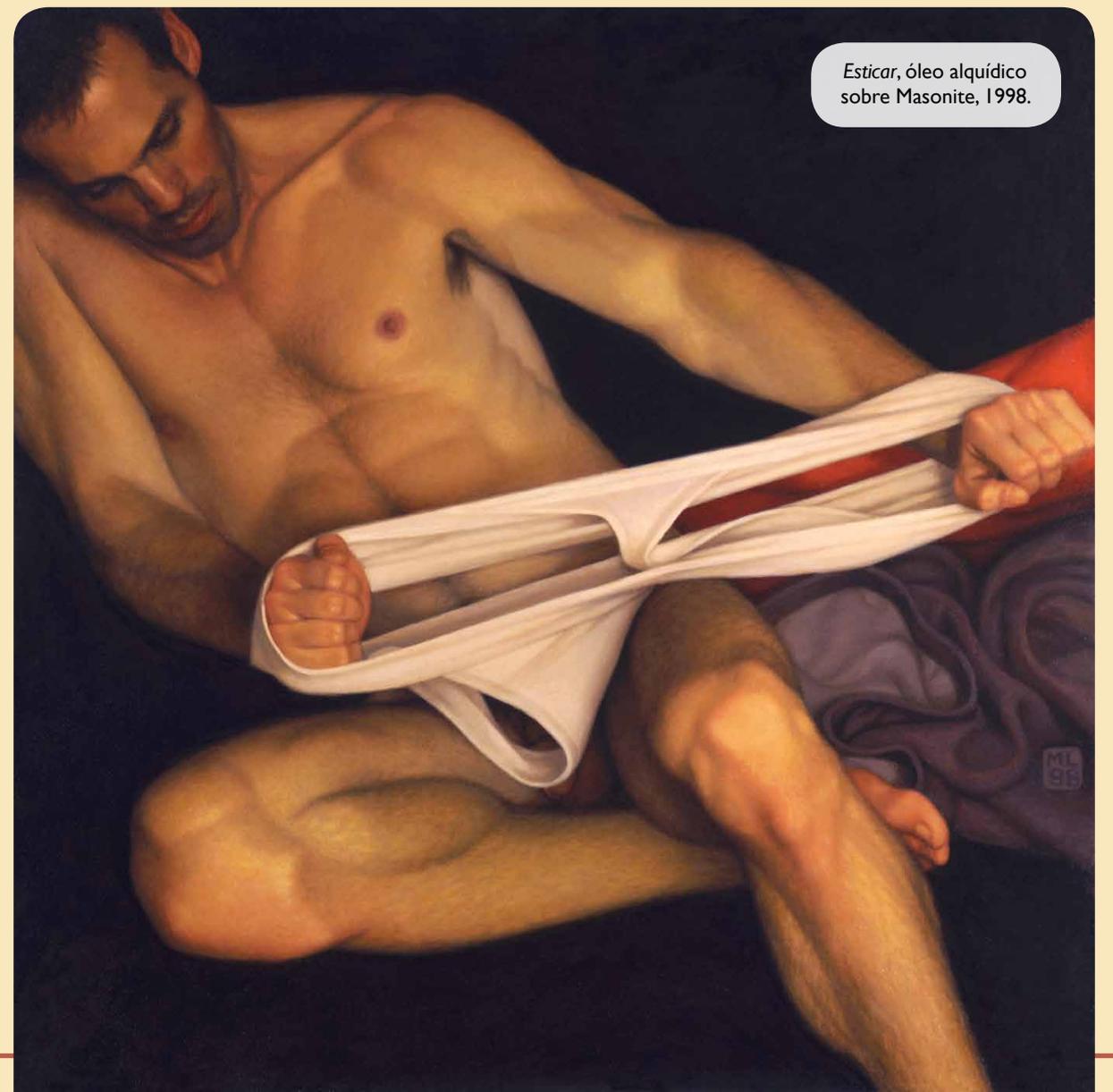
Ilustrações em lápis de cor para o livro *The Joy of Gay Sex*, 1977.





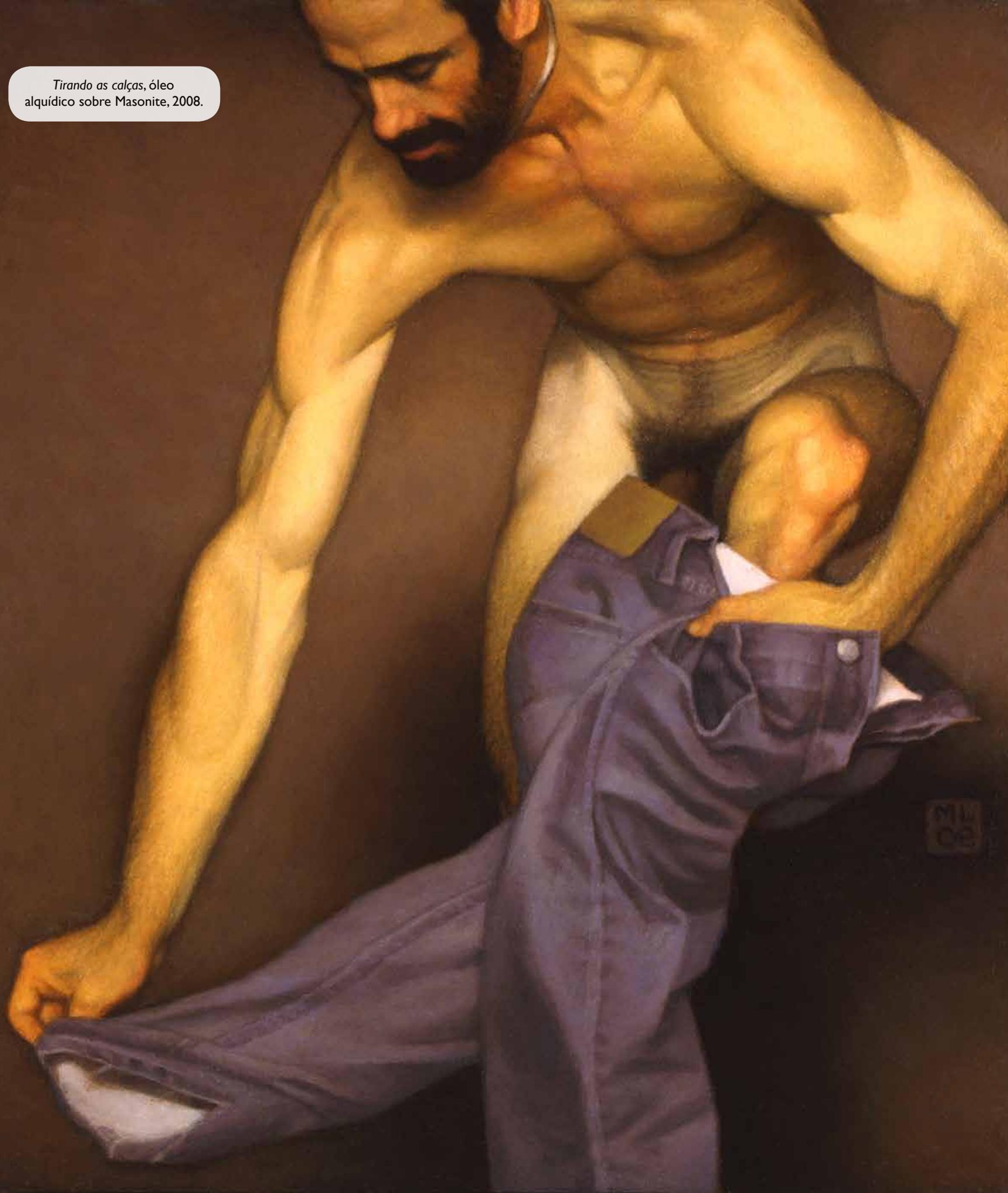
Nos degraus, acrílica sobre papelão, 1981.

A partir da década de 1980, Leonard já estava pintando em tempo integral – com preferência por banhistas, às vezes ligeiramente desequilibrados, no ato de se secar, em referência aos cubistas e vanguardistas germânicos. Também ilustrava e pintava retratos por encomenda, sendo que os mais conhecidos são o retrato de Jackie Kennedy (capa do *The Sunday Times Magazine*, em 1967), Mick Jagger como Casanova (capa do *The Sunday Times Magazine*, em 1977) e o “Retrato da Rainha Elizabeth II”, solicitado em 1985 pela revista *Reader’s Digest* em homenagem ao seu sexagésimo aniversário (que agora está na coleção permanente da National Portrait Gallery, em Londres).



Esticar, óleo alquídico sobre Masonite, 1998.

Tirando as calças, óleo alquídico sobre Masonite, 2008.



Outra série que ficou conhecida foi a “Retratos no Tempo”, que lançava rostos contemporâneos de volta no tempo para um período que combinava melhor com suas características faciais. Adotando o estilo de um artista da época, Leonard usava a técnica do trompe-l’oeil com grafite. Nesse período, não estava mais assumindo comissões para designs de livros. No entanto, vários autores pediram permissão para usar suas pinturas e desenhos como arte de capa.

Não era incomum que Leonard revisitasse uma de suas composições, se ele se sentisse particularmente atraído por ela. Em 2009, Leonard estava revisitando sua pintura anterior *Vanitas* (óleo alquídico sobre Masonite, 1991, acima) quando decidiu parar devido a tremores em suas mãos. Veio a falecer em Londres em julho de 2023.

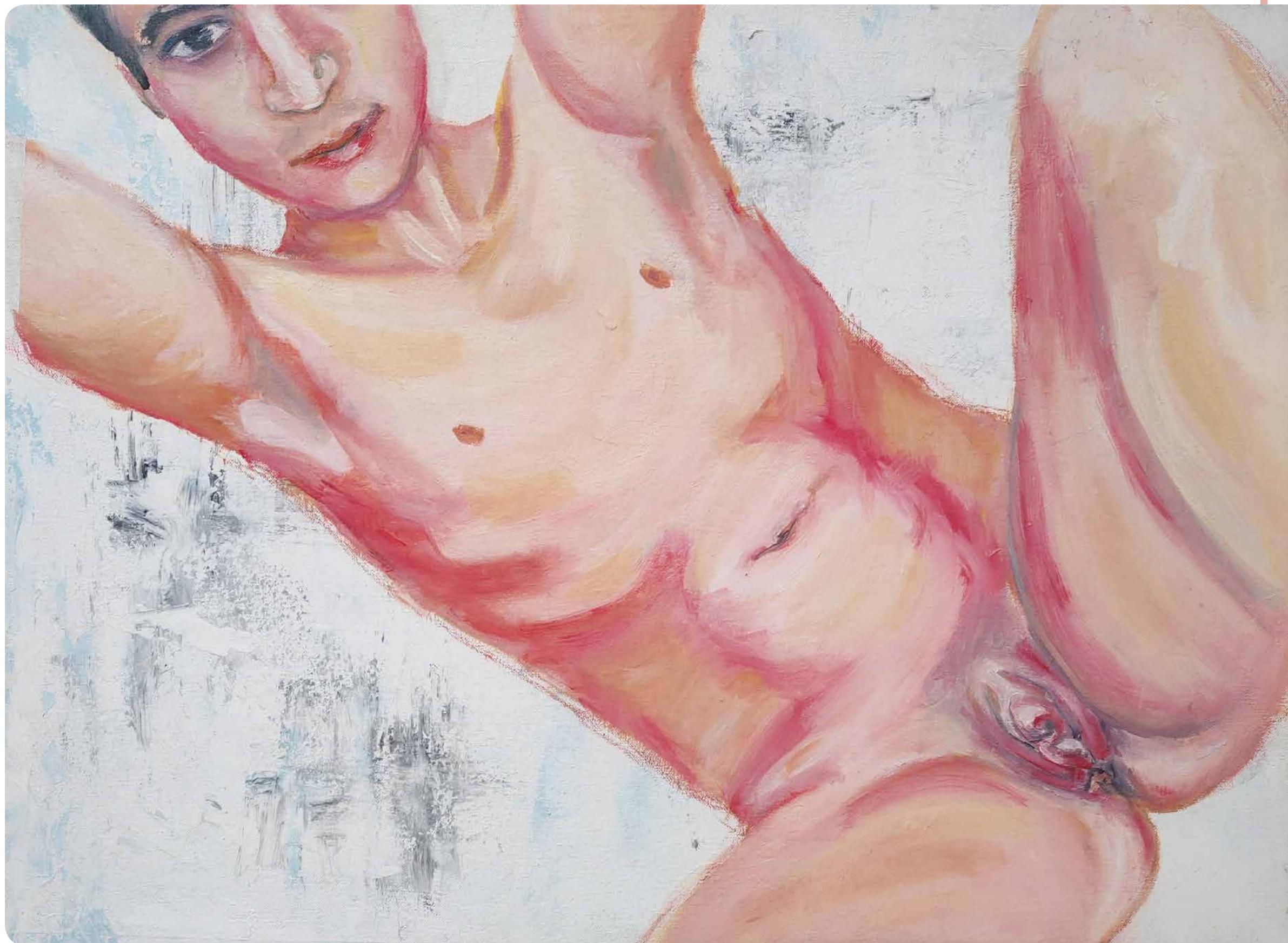
*Embora minhas pinturas sejam em grande parte celebrativas, tento carregá-las com intensidade e vida interior suficientes para persistir na memória.*

8=D

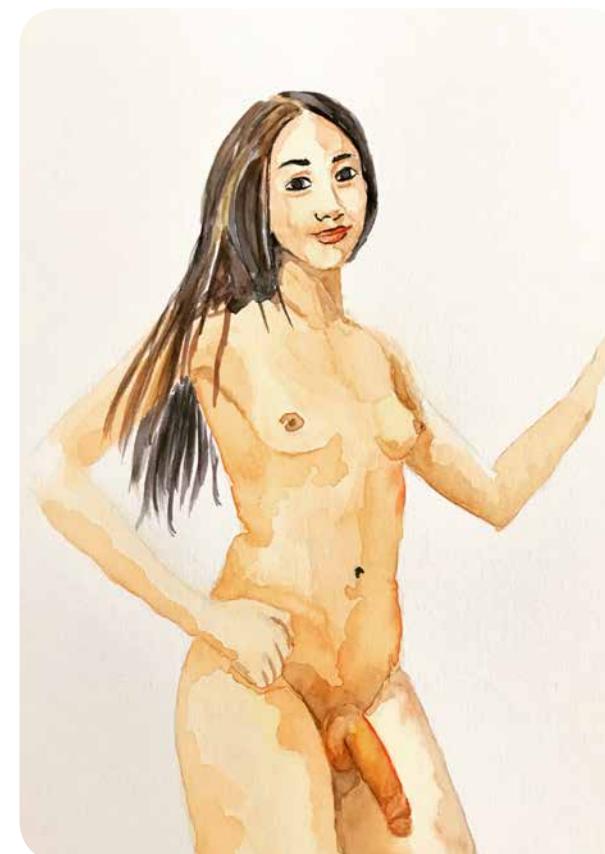
*Humanos* é o resultado do estudo íntimo e desbravador de **Rosângela Gayu** sobre corpos. A contemporaneidade da anatomia social leva a artista a romper as barreiras da representação padronizada e binária de nossa estrutura. Diante de um universo de possibilidades, Gayu se depara com a pluralidade genuína de identidades corpóreas e, à medida que sua pesquisa atravessa as arestas do padrão, suas pinceladas ganham tom de desconstrução.

Decidida a abandonar pudores e rumores, a artista se lança na busca pela compreensão e empatia com corpos que transfiguram todo e qualquer arquétipo conservador. Enquanto telas ganham novas estéticas, ideias ultrapassadas sobre feminilidade, masculinidade e transgressão escoam pelo ralo dando lugar às tintas frescas do pensamento desviante.

*Humanos* traz obras produzidas entre 2017 e 2019. Um trabalho inteiramente realista, com tendências kitsch e pinceladas pictóricas. Com um paleta de cores intensas e, muitas vezes, incômoda, Rosângela Gayu provoca o questionamento e a reflexão ao representar corpos cis e trans entregues à liberdade do enquadramento contemplativo. [...]







O fluxo criativo de possibilidades, identidades e representatividades captado pela produção sensível da artista é traduzido em suas palavras:

*Percebi que estava num processo auto educativo. Precisava acabar com meus pudores, me provocar, provocar o outro. Quero mostrar que sempre podemos ter um novo olhar, quero reaprender a história do corpo e quero compartilhá-la em sua complexidade, diversidade e fragilidade.*

8=D



Parte do texto de **Nathália Calvet** para a exposição *Humanos*, 2019.



**SEJA MAIS.**

**ben  
feita  
ria**

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

[www.benfeitoria.com/falomagazine](http://www.benfeitoria.com/falomagazine)

## **AMIGO DA FALO**

R\$10 / mês  
agradecimento na Falo

## **PARCEIRO DA FALO**

R\$15 / mês  
agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

## **VIP DA FALO**

R\$20 / mês  
agradecimento na Falo e revista bimestral com antecedência por e-mail

## **PATRONO DA FALO**

R\$50 / mês  
agradecimento na Falo, revista bimestral com antecedência e os anuais em inglês por e-mail

www

**Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!**

**Alcemar Maia, Orlando Amorim, Marcos Rossetton, Maria da Graça, Rafael Pentagna, Silvano Albertoni, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Giovanni Ravasi, Paulo Cibella e benfeitores anônimos.**



Guilherme Corrêa convida Paulo Cibella

FALÓFORO

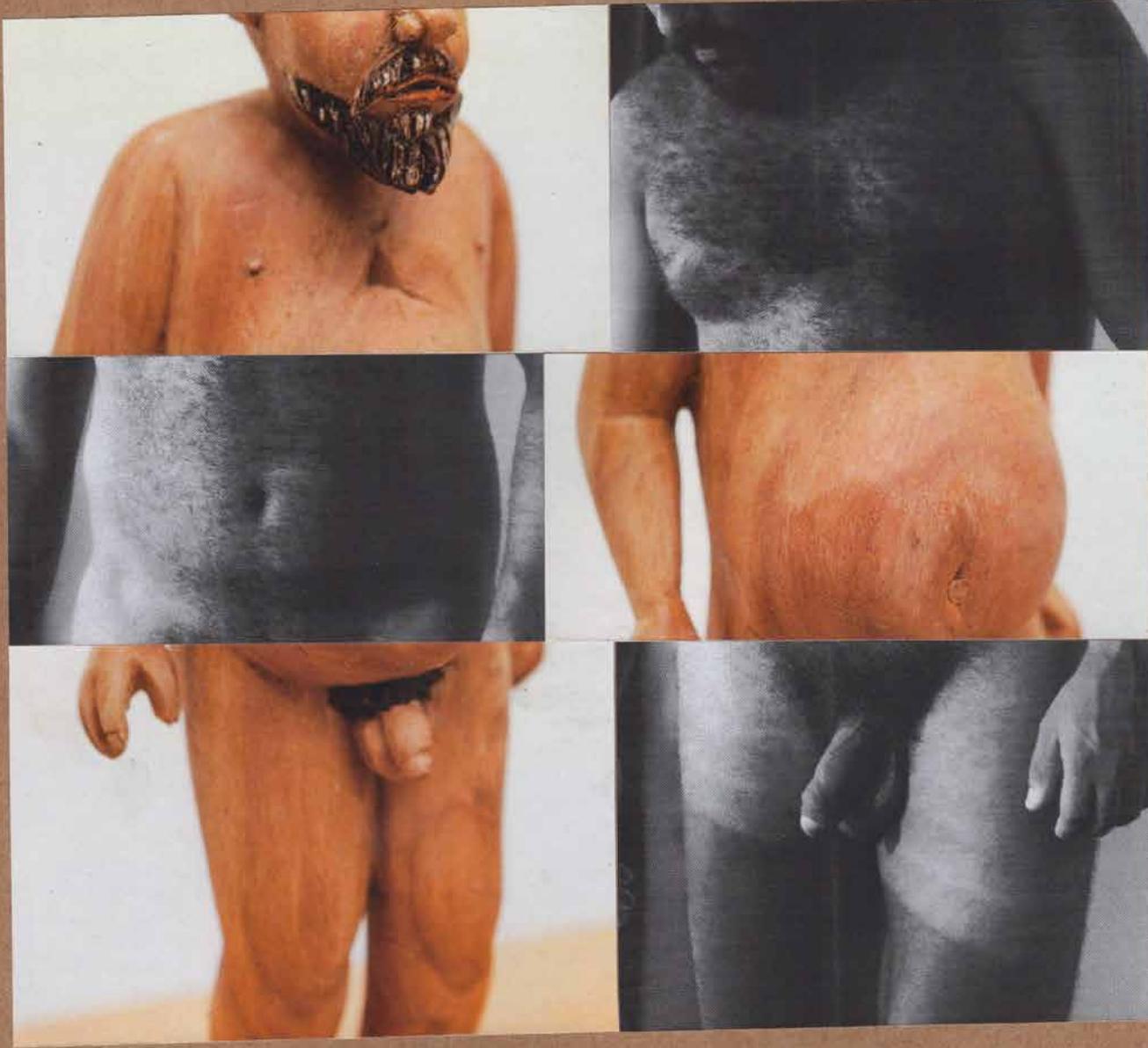


Foto: Guilherme Corrêa. Modelo: Anônimo.

CUECAS



rn

www



SUNGAS

Modelo: Flavio B.

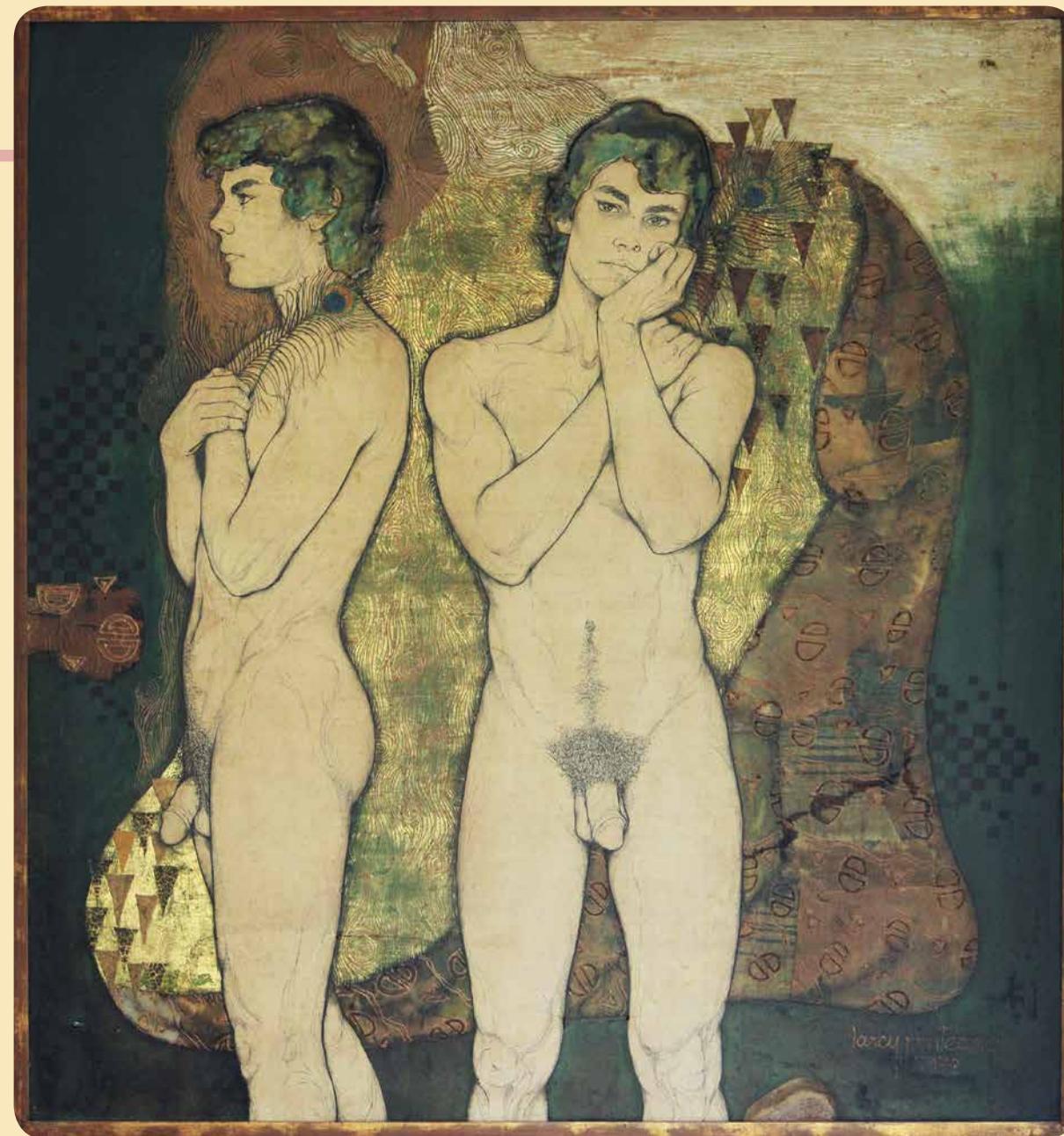
# A opinião de Darcy Penteado

por Filipe Chagas



Darcy com escultura em arame. (Acervo Darcy Penteado – Fundação Enrico Dell’Acqua)

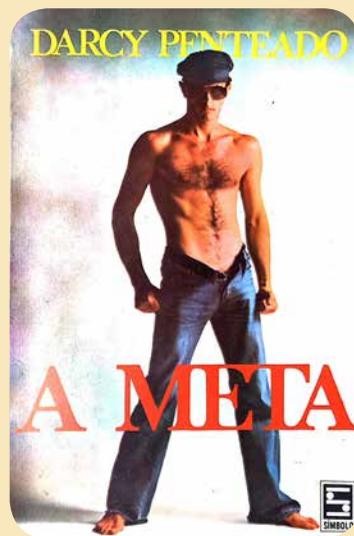
**P**rimero, deixa eu te falar quem foi **Darcy Penteado** (1926-1987): artista plástico, desenhista, gravador, cenógrafo, figurinista, literato, autor teatral e pioneiro militante dos movimentos LGBTQIAPN+ no Brasil. Seus elegantes desenhos a bico de pena o levaram para a publicidade, ilustrando revistas de moda, passando logo a trabalhar em teatro, como figurinista e cenógrafo. Na década de 1950, fez parte do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e criou para várias peças importantes da história do teatro brasileiro. Lançou-se como autor em *A Engrenagem do Meio*, de 1978, assumindo abertamente sua orientação sexual, assunto que também explorou em sua primeira novela – *A Meta* –, editada no ano seguinte, período em que esteve francamente envolvido na luta contra a discriminação. Durante os anos de repressão do Regime Militar, participou ativamente do jornal *O Lâmpião da Esquina* (que circulou entre 1978 e 1981), importante veículo impresso de defesa dos direitos dos homossexuais. Participou de inúmeras exposições, ilustrou livros e foi uma figura



*Nu masculino*, colagem com esmalte e anilina, óleo, pastel e acrílica, 1973. (Acervo Darcy Penteado, Fundação Enrico Dell’Acqua)

presente na cena cultural da cidade de São Paulo, até sua morte em decorrência de complicações causadas pela AIDS.

Esta coluna Especial, traz dois textos de Penteado: o primeiro é a *Carta à Família Mesquita* (1980), proprietária do jornal *O Estado de S. Paulo*, criticando duramente uma reportagem preconceituosa sobre a prostituição de travestis em São Paulo; e o segundo é *Vamos falar de falo?* (1982), que traz sua opinião sobre a construção do machismo falocêntrico que afeta tanto heterossexuais quanto os gays. Infelizmente ainda muito atuais.



NOTA DO EDITOR: Além de correções que não foram feitas no original, optou-se por retirar o termo “homossexualismo” que ainda era utilizado na época. Em 1990, a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade da lista internacional de doenças.

## DARCY PENTEADO RODA A BAIANA E RESPONDE À FAMÍLIA MESQUITA:

*Cerca de cinco mil travestis se espalham hoje em regiões ricas ou pobres, dominando a noite e as calçadas. Os moradores não suportam mais a situação e a impotência da Polícia. Mas a Justiça lhes dá cobertura e a Polícia não os prende porque no Código Penal, não há como enquadrá-los.*

Assim, o mais influente diário brasileiro, O Estado de São Paulo, dava início a uma série de reportagens, investindo contra os travestis que batem calçada na capital paulista. A família Mesquita, proprietária do jornal e guardiã da moral das classes dominantes há pelo menos um século, dava sua contribuição para avolumar ainda mais a perseguição ao homossexualidade no país.

O pintor e escritor Darcy Penteado, militante do novíssimo movimento homossexual e um dos principais articuladores do nanico Lampião, enviou ao Estadão uma densa resposta às reportagens, em defesa dos homossexuais, na qual reivindica o direito do cidadão dispor livremente do próprio corpo e aponta as desigualdades sociais como um dos fatores que originaram o fenômeno do “travestismo”. A família Mesquita não deu bola para a carta do Darcy. Em primeira mão, EM TEMPO transcreve a seguir a íntegra do documento, um texto importante para o debate atual dos rumos do movimento de defesa das minorias.



*Carta de Darcy Penteado dirigida à Família Mesquita, proprietária do jornal O Estado de São Paulo e publicada no jornal alternativo EM TEMPO, de 17 a 30 de abril de 1980, pág. 19, nº 104, ano 3. (Imagens do jornal: Centro Sérgio Buarque de Holanda, da Fundação Perseu Abramo)*

**E**sta carta pretende debater – finalmente – a homossexualidade em geral, o que sempre foi evitado em vossas páginas, e o travestismo no Brasil em particular, conforme reportagens dos dias 28 e 29 de março.

De alguns anos para cá decidi assumir uma posição consciente de defesa e esclarecimento do homossexualidade, pelo fato de ser homossexual convicto, e porque, igualmente, contra ele ou sobre ele tem-se feito, dito e escrito por aqui coisas desastrosas: mesmo com as melhores intenções os nossos estudiosos vão ainda procurar nas estantes de Freud a explicação para o que acontece nas sarjetas tupiniquins. Pode? O que dizer então dos não estudiosos ou desinformados?

Deixo claro que a minha atuação e interesse sobre o assunto que também me pertence porque dele faço parte, advém da necessidade da sua discussão em termos liberais e abertos, portanto não preconceituosos, nem vistos de fora para dentro, como tem sido até agora.

Só não sofro discriminação pela minha sexualidade, por ser um artista versátil, que criou um certo nome em 33 anos de atuação profissional e por ter o sobrenome de uma ilustre família paulista, o que cria um certo respeito, não sei bem a razão.

Afinal, qualquer homossexual que pertença a uma família tradicional (e não existe nenhuma que não ostente pelo menos um, em cada geração), recebe a mesma condescendência e aceitação por parte dos “normais”. Igualmente, aqueles que não possuem nome famoso mas algum poder econômico, compram com ele a dose necessária de prestígio e... tudo bem! Seria facilímo então, usufruir dessas vantagens “na moita”, isto é, sem

abrir a boca. Cômodo, inclusive mas... onde colocaria eu a minha consciência e integridade?

### A homossexualidade não é uma doença

Falo então, neste momento, pelo homossexual comum, o desconhecido, o assalariado, o que luta e subsiste de um subemprego, o anônimo que é pobre (talvez negro, o que ainda piora a sua situação) e que, não querendo ou não conseguindo enquadrar-se nos padrões oficiais da heterossexualidade sofre desde a infância, na família, na escola, na igreja, no trabalho, etc., todo tipo de discriminação, o que tanto mais se agrava quanto menor é o centro populacional em que ele deva habitar. Os meios de comunicação, a tevê principalmente, degeneram ainda mais a compreensão e integração porque só mostram o óbvio e o caricato da homossexualidade. Pior ainda é a imprensa marrom que usa o homossexualidade como consumo (porque o assunto vende), infiltrando ideias errôneas e instigando a violência contra os homossexuais, como se fosse um direito de justiça.

Existem dois esclarecimentos, talvez primários para os estudiosos, mas que são básicos como ponto de partida para a discussão do tema. Primeiro: travestismo e homossexualidade são gêneros diversos de comportamento, sendo o travestismo uma das muitas modalidades de homossexualidade. Segundo: a homossexualidade não é patológico, isto é, não é uma doença, nem física, nem mental, conforme concluiu, por exemplo em 1975 a Associação Americana de Psiquiatria. Tão absurdo julgá-lo uma doença como considerar patológicos, igualmente, os indivíduos canhotos. Portanto a patologia da violência e do crime tanto podem aparecer

indiscriminadamente no homo como no hetero e se essa incidência é bem mais comum entre os heterossexuais é porque, logicamente, o número deles é bem maior, sendo que o total, mesmo aproximado de homos no mundo todo, pelo próprio fator da repressão, é impossível comprovar (que o diga Kinsey).

Se todavia os jornais divulgam o contrário, que fazer? É porque as notícias homossexuais vendem mais que as dos héteros e, que estas últimas, mesmo violentas, são tantas e tantas que se tornam corriqueiras e enfadonhas ao público, sempre ávido de novidades. Ora, os senhores como excelentes profissionais de imprensa não desconhecem este fato, tanto que também para prestar serviços públicos, mas não só por isso, resolveram tocar num assunto que nunca, segundo consta, havia transposto os umbrais deste jornal. E o fizeram muito bem, só que com a natural falta de prática no setor cometeram certos erros e deslizes, alguns felizmente pouco graves, como por exemplo os desenhos das zonas de localização dos travestis na cidade, o que poderá servir como útil roteiro para os fregueses ainda não iniciados – porque as “vítimas”, sejam os motoristas, os transeuntes cotidianos ou os moradores, estão “carecas” de saber e de vê-los por ali, não precisando de mais informações a esse respeito.

Outro ponto nas reportagens, este porém bem mais grave, é que tanto os entrevistados como o próprio jornal não propõem qualquer solução além da repressão policial aberta a todos os homossexuais (uma vez que a palavra travesti e homossexual se confundem no texto). E ainda uma semi velada incitação à violência, como



revanche pela violência praticada pelos travestis (e os héteros, marginais ou não, também não as praticam?).

É preciso ter em mente que numa civilização neurotizada como a nossa, os justiceiros voluntários estão sempre prontos a entrar em ação à espera apenas de um sinal, em nome de um ideal qualquer ou simplesmente à procura do prazer de uma aventura sádica, principalmente quando sintam-se acobertados e garantidos pelo sistema. Quantos travestis (ou homossexuais, se preferirem) ou prostitutas já não foram assassinados assim?

### **Sexualidade, um tabu na nossa sociedade**

Mas continuando: a sexualidade ainda hoje é tabu em muitos sentidos, vinculada que está pela religião e pelas conveniências da sociedade dominante. Nesse quadro complexo, a homossexualidade tem sido a incômoda pedra no sapato das convenções, já que ninguém tem coragem de descalçar completamente o dito sapato para não ter que mostrar os dedos imundos e fedorentos.

Primeira manifestação no Brasil contestando a violência contra a população LGBT, em São Paulo, onde Darcy Penteado lê uma carta aberta. (Acervo Darcy Penteado, Fundação Enrico Dell'Acqua)

prostituição do travesti aparece no Brasil como um dos muitos espelhos da nossa miséria, da nossa desigualdade social e econômica e, conseqüentemente do elitismo do nosso poder político. É fato comprovado que o travesti-prostituto vem em sua maioria das camadas proletárias da nossa sociedade e que antes de adotar como embalagem o traje feminino, quase sempre migrou de um lugar menor para uma cidade grande. Com formação educacional primária, calejado desde a infância na sua cidade pela incompreensão familiar e pela opressão social, chega por aqui só com a coragem para batalha, como eles dizem, e a sagacidade (que algumas vezes advém, curiosamente, da sua condição sexual), mas inaptos, mesmo para os subempregos, para os quais os patrões também dão prioridade aos héteros, “porque não desmunhecamos”.

Entenda-se que não pretendo fazer nenhuma apologia do travestismo, ainda menos do que seja acrescido de qualquer crime previsto pela lei. Mas defendo o direito essencial a todos nós, constante da Carta dos Direitos Humanos, de cada um dispor livremente do seu corpo e da sua mente, à critério da própria consciência. O travestismo a nível de prostituição, como tantas outras mazelas nacionais, é indiscutivelmente consequência da nossa fome. Mas ainda existe outro fator paralelo: nós que vivemos numa e para uma sociedade consumista, sabemos que o postulado básico do marketing é: “só existe oferta onde existe a procura”. Parece incrível, mas a opinião mais sábia e ponderada entre as das várias pessoas, autoridades ou não, entrevistadas pelo “Estado”, foi a do guarda-noturno Cícero Araujo, que disse: “A cada momento me pergunto se a anormalidade de certas pessoas que se envolvem com os

travestis não será mais grave do que a do próprio ‘anormal’.” (As aspas do anormal são minhas uma vez que o repórter discretamente as omitiu).

**O travestismo tem origem na fome**  
 Porque o travestismo de rua surgiu também como uma exigência do mercado sexual das grandes cidades e, estranhem os leigos, para servir o mercado heterossexual – ou o que se esconde sob a aparência dele –; e também como válvula de escape para os homossexuais não assumidos (em número tão grande que é capaz de sustentar profissionalmente 5.000 travestis, só em São Paulo!).

Essa clientela é, em sua maioria, composta de respeitáveis chefes de família que não têm (ou não tiveram, no devido tempo), a coragem ou a possibilidade de procurar relacionamentos com outros homossexuais seus iguais, recorrendo então ao travesti, que na maneira deles de ver, é quase uma mulher...

O divertido nesse enovelado de desculpas é que a moral vigente, mesmo sabendo de tudo, põe olhos generosos sobre o fato para não abalar os alicerces do sistema. Mais divertido ainda, conforme depoimentos de muitos travestis, é que são quase sempre eles, os travestis, os que cumprem a função ativa no ato sexual... Quem entende o porquê de tudo isso?... E o que está verdadeiramente errado? O sistema proporciona (quando não impõe) mais facilidades de vida ao homossexual para que ele negue sua natureza adotando as regras e comportamentos héteros, aqueles que convêm ao sistema. O homossexual que os aceita, aguenta o quanto pode mas... mais cedo ou mais tarde escapa pelas tangentes porque ninguém é de ferro.

“Faça por não demonstrar e nós faremos de conta que não estamos vendo”, dizem as convenções, isto até que os resultados dessa mistificação transbordem em forma de mazelas sociais, o que nenhum band-aid de última hora consegue esconder, muito menos curar. Reprimir? Temos eloquentes exemplos na história, de como as repressões levam a grandes catástrofes. Lembremos por exemplo do extermínio dos judeus...

Mas se for para agir de maneira correta, vamos pôr as mãos nas consciências pesadas e pensar na reforma (ou abertura, já que a palavra anda tão modernosa) que seja pra valer, política e socialmente. Com uma reformulação ideal do sistema, a qual deverá ser de baixo para cima e de dentro para fora, os nossos mais graves problemas, como a fome, a má distribuição de terras, o servilismo aos capitais estrangeiros, a marginalização do homem do campo, a sub-vida e a conseqüente violência dos grandes centros urbanos, a infância abandonada, a destruição dos nossos sistemas ecológicos de sustentação, a burocracia institucionalizada, a corrupção generalizada, e vários outros flagelos que os governantes conhecem melhor do que eu – assim como alguns problemas menores e decorrentes, como este da prostituição dos travestis, se abrandarão ou talvez até desapareçam. Só que apenas pregando o esparadrapo por cima não resolve... Mas se for para continuar na mesma, convem importar band-aids grandes, tamanho família da Rússia, da Alemanha nazista, ou da Argentina, que é mais perto.

**Darcy Penteadado**

Em nome do jornal Lampião

*COVERBOY (vol. 1, nº 7) é uma edição especial da Revista Moustache, publicação da Editora Acti-Vita Ltda, São Paulo, dezembro de 1982.*



## VAMOS FALAR DE FALO?

Partindo do raciocínio comum de que sempre se presta culto ao que mais se goste ou necessite, chegaríamos à conclusão objetiva mas superficial de que a falocracia, isto é: o culto do fallo, isto é a adoração do pênis, seja de origem feminina e (também) homossexual – isto desde que se aceite sem questionar este conceito, obviamente machista.

Porém vamos questionar as afirmações que nele estão subentendidas: 1° - O pênis é um elemento essencial na obtenção de qualquer prazer sexual; 2° - Mulheres e homossexuais precisam do pênis para conseguir prazer sexual; 3° - Como o homem possui esse elemento que é carente aos outros, estes devem endeusá-lo para obtê-lo.

Fácil, fácil, só que errado. Está provado que a mulher, mesmo não sendo lésbica, pode chegar a um prazer às vezes mais completo do que com a introdução do pênis, usando meios outros de excitação que ajam sobre todo seu corpo. Quanto aos homossexuais,

### OPINIÃO

A palavra de **Darcy Penteadado**

#### “Vamos falar de fallo?”

Partindo do raciocínio comum de que sempre se presta culto ao que mais se goste ou necessite, chegaríamos à conclusão objetiva mas superficial de que a falocracia, isto é: o culto do fallo, isto é a adoração do pênis, seja de origem feminina e (também) homossexual – isto desde que se aceite sem questionar este conceito, obviamente machista.

Porém vamos questionar as afirmações que nele estão subentendidas: 1° - O pênis é um elemento essencial na obtenção de qualquer prazer sexual; 2° - Mulheres e homossexuais precisam do pênis para conseguir prazer sexual; 3° - Como o homem possui esse elemento que é carente aos outros, estes devem endeusá-lo para obtê-lo.

Fácil, fácil, só que errado. Está provado que a mulher, mesmo não sendo lésbica, pode chegar a um prazer às vezes mais completo do que com a introdução do pênis, usando meios outros de excitação que ajam sobre todo seu corpo. Quanto aos homossexuais, quanto mais completo do que com a introdução do pênis, usando meios outros de excitação que ajam sobre todo seu corpo.

mas se for para agir de maneira correta, vamos pôr as mãos nas consciências pesadas e pensar na reforma (ou abertura, já que a palavra anda tão modernosa) que seja pra valer, política e socialmente. Com uma reformulação ideal do sistema, a qual deverá ser de baixo para cima e de dentro para fora, os nossos mais graves problemas, como a fome, a má distribuição de terras, o servilismo aos capitais estrangeiros, a marginalização do homem do campo, a sub-vida e a conseqüente violência dos grandes centros urbanos, a infância abandonada, a destruição dos nossos sistemas ecológicos de sustentação, a burocracia institucionalizada, a corrupção generalizada, e vários outros flagelos que os governantes conhecem melhor do que eu – assim como alguns problemas menores e decorrentes, como este da prostituição dos travestis, se abrandarão ou talvez até desapareçam. Só que apenas pregando o esparadrapo por cima não resolve... Mas se for para continuar na mesma, convem importar band-aids grandes, tamanho família da Rússia, da Alemanha nazista, ou da Argentina, que é mais perto.

O machista deposita toda a responsabilidade do seu poder no pênis, sendo que a submissão a esse poder se efetua pela penetração.

O mesmo sucede com a antiga adoração pagã e primitiva do pênis. Já não é possível, na civilização atual, adorá-lo simplesmente como elemento de reprodução (ou prazer) é preciso doubrá-lo o macho possível para que continue como um símbolo do poder. Já que o primitivo culto está desgastado.

Isto não quer dizer que esse culto seja masculino em totalidade ou que abranja a totalidade dos homens heterossexuais. Existem homens integros que não se identificam com o machismo e que se opõem a ele. Em oposição, poderia dizer-se que a feminização do homem não é apenas uma questão de gênero, mas também de poder. O machista deposita toda a responsabilidade do seu poder no pênis, sendo que a submissão a esse poder se efetua pela penetração. Só que essa sua força, que deveria ser infalível, depende de um detalhe mínimo que pode de repente ser falível a eresia. Idem (e é que deve ser) nesta classificação: o machismo não é um sistema rígido, não é um princípio que se aplica a todos os indivíduos. É um sistema que se adapta às circunstâncias. É um sistema que se adapta às circunstâncias. É um sistema que se adapta às circunstâncias.

Do que o machista ainda não se conscientizou completamente é que, apesar das vantagens que usufrui, ele é o mais aprisionado pelos conceitos que criou em defesa de seu poder.

CRS 2-300-00 Lavio Postal. Chique Vale Postal. Para ALVES & OLIVEIRA - Relações Humanas e Psicológicas. Caixa Postal 6222 - CEP 01000 - São Paulo - SP.

mesmo se considerados em sua maioria falocratas, têm também uma gama bastante variada de maneiras para obter prazer sexual, além da simples sujeição ao coito anal passivo, única forma de gozo que os machistas admitem e reconhecem como possível na atuação dos homens. Portanto, o assunto está precisando ser reformulado em bases mais autênticas.

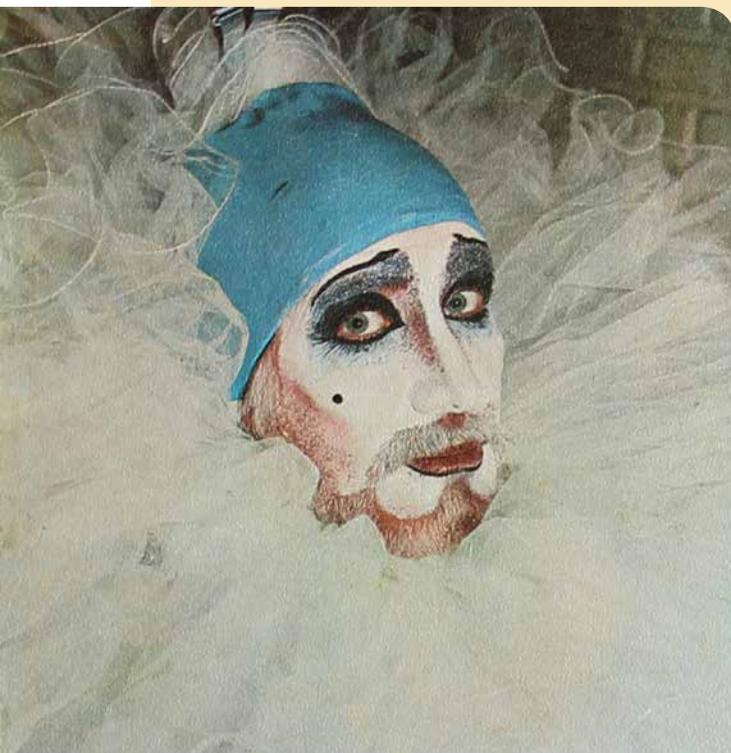
Os machistas talvez relutem em aceitar a ideia, mas são eles, exatamente eles mesmos, os grandes adoradores do falo – e não as mulheres ou os homossexuais masculinos. Para o machista, o pênis não é só seu utensílio de prazer ou de reprodução, mas um elemento de poder e dominação. Só que ele não pode declará-lo abertamente (e nem necessita porque os seus resultados se fazem sentir em todos os momentos). O culto ao corpo feminino como símbolo sexual da sociedade moderna foi então criado pelo machismo

apenas para disfarçar aquilo que não lhe ficaria bem objetivar: o reconhecimento explícito da divinação e do poder do falo.

Nas religiões o culto fálico surgiu como homenagem à natureza pela semente reprodutiva da espécie, da mesma forma que a mulher de corpo abundante seria o símbolo da fertilidade. Em relação ao pênis, embora o conceito seja lógico e direto, isso logo evidencia a ligação à ideia do poder: a reprodução ampliando as defesas do clã contra os clãs inimigos. Este conceito vigorou por milênios. Com o correr do tempo e a evolução das ideias e dos costumes, o culto passou a girar em torno de si mesmo. Hoje, adora-se o falo e seu mito imediato, não mais a razão primeira. Evoluindo socialmente, o homem também modificou seu conceito e adoração do pênis: ele é símbolo físico da superioridade. Obviamente, se um símbolo é sagrado e está no corpo do homem, o corpo também será sagrado ou pelo menos superior. Superior a quê ou a quem? Aqueles que não o possuem, isto é, as mulheres – ou os que, conforme aquele princípio citado, dele necessitam tanto quanto as mulheres: os homossexuais masculinos. E surgiu, assim, o machismo como instituição social, com sua escala de valores e consequentes discriminações.

O mesmo sucedeu com a antiga adoração pagã e primitiva do pênis. Já não é possível, na civilização atual, adorá-lo simplesmente como elemento de reprodução (ou prazer): é preciso dourá-lo o melhor possível para que continue como um símbolo do poder, já que o primitivo culto está desgastado.

Darcy fantasiado de pierrô no Carnaval pela Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense (RJ), 1981. (Acervo Darcy Penteadado, Fundação Enrico Dell'Acqua)



Isto não quer dizer que esse clã seja masculino em totalidade ou que abranja a totalidade dos homens heterossexuais: existem homens íntegros na sua heterossexualidade que conseguem não ser machistas apesar de todas as facilidades que essa “congregação” poderia lhes oferecer. Em oposição existem mulheres bastantes femininas (não confundir com feministas) que, pela submissão ou aceitação das regras, tornam-se cúmplices do processo, podendo também ser tachadas de machistas.

Do que o machista ainda não se conscientizou completamente (e talvez nem esteja interessado, porque significa enfraquecimento no seu campo de domínio) é que, apesar das vantagens todas que usufrui, ele é o mais aprisionado pelos conceitos que criou em defesa de seu poder. O indivíduo comum não precisa ser infalível – o dominador sim! O machista deposita toda a responsabilidade do seu poder no pênis, sendo que a submissão a esse poder se efetua pela penetração. Só que essa sua força, que deveria ser infalível, depende de um detalhe mínimo que pode de repente ser falível: a ereção. A mulher consegue simular o prazer. Idem (se é que deva entrar nessa classificação) o homossexual que se faz passivo. Porém, o machista que não obtenha ereção, não tem como! E assim, num segundo de incerteza provocado por um capricho da libido, desmorona como um castelo de cartas de baralho todo um poderio milenar. Já se imaginou maior vexame não só para o machista em questão, como para todos os outros que por séculos e séculos o antecederam, desde Moisés dos mandamentos – ou algum outro anterior de quem eu não esteja lembrado?

## EXTRA

No editorial da COVERBOY, o editor da revista Ítalo Bruno precisou comentar sobre as cartas de protesto que recebeu por causa de uma imagem de masturbação masculina. Esse texto reverbera com a própria **Falo Magazine**, que vive sendo chamada de revista gay, quando essa publicação nunca teve orientação sexual.

Foi com espanto que [...] passamos a receber irritadíssimas cartas de protestos de nossos leitores. Reclamam eles que, sendo Coverboy uma revista gay, como usávamos publicar uma foto de um nosso modelo se masturbando diante de posters de mulheres? [...] Surpreendido, respondo a todos que nunca definimos a Coverboy como uma revista especificamente gay e que nada temos contra mulher. Se somos definitivamente contra o preconceito, como tê-lo contra mulheres, que são criaturas maravilhosas? Detestaríamos que nossa revista fosse uma publicação underground, dedicada a um gueto discriminado [...], levando-lhes, em vez de democratização e esperança, ainda mais rancor e defensiva. Nada disso! Achamos que o gay (assim como todas as minorias discriminadas), não deve se auto-isolar, expulsando os outros de seu convívio, relacionando-se apenas com os de sua espécie. [...] Segregando mulheres, héteros e o mais, o gay estará se rotulando e segregando a si mesmo...

AFINAL,  
TAMANHO É  
DOCUMENTO?

NÃO!

É EU TENHO COMO PROVAR!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita  
com a participação de leitores/seguidores,  
totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do e-mail [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com)



uma investigação sobre a anatomia do pênis e seus desdobramentos  
an investigation into the anatomy of the penis and its consequences

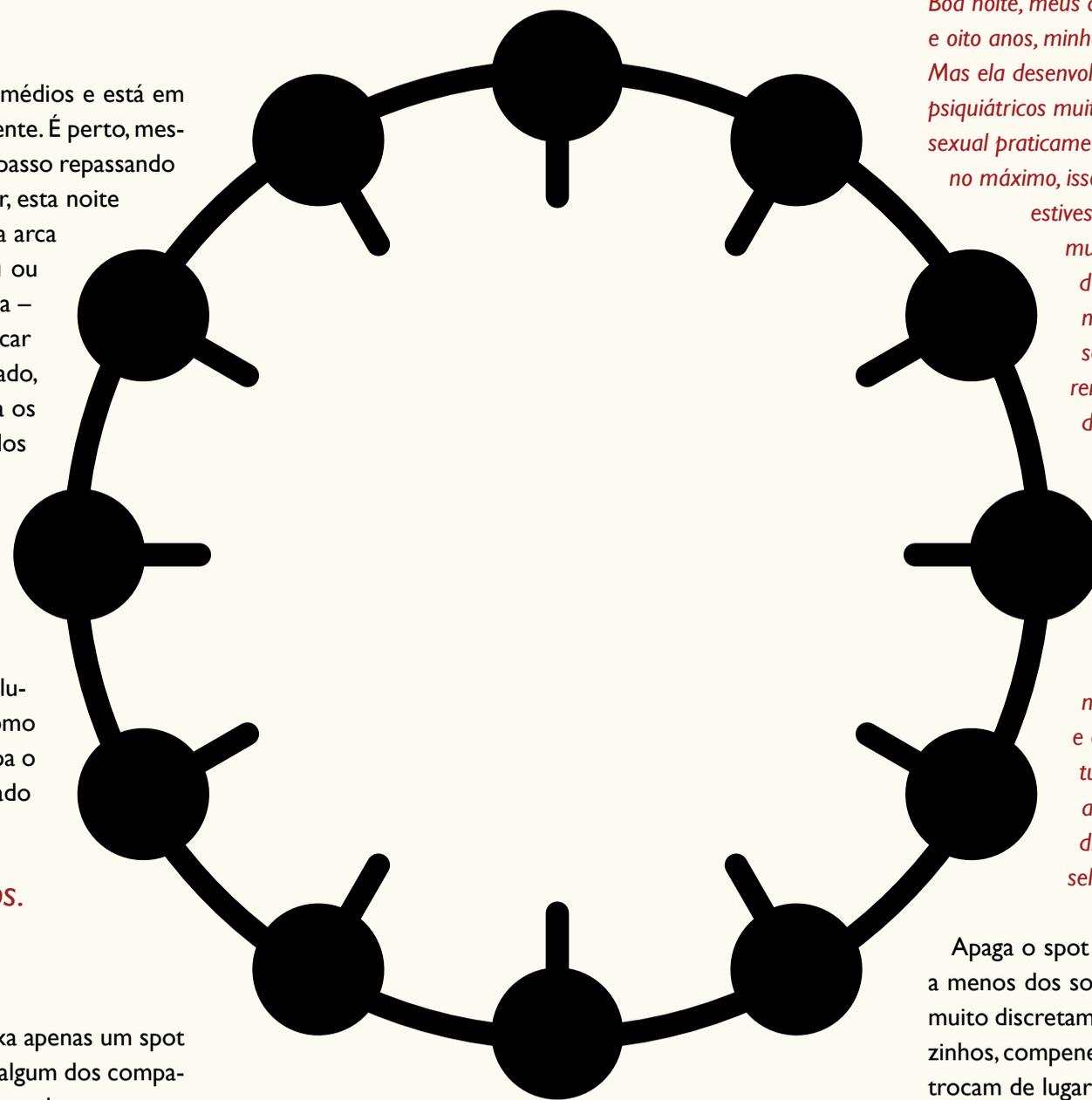
# Contos do Falo

## ○ CLUBE

Olha o relógio, se certifica que a mulher tomou todos os remédios e está em sono profundo, deixa a luz do banheiro acesa, sai silenciosamente. É perto, mesmo a esta hora as ruas ainda estão movimentadas, vai passo a passo repassando mentalmente os pontos principais do que preparou para falar, esta noite é sua vez. Na esquina a igreja iluminada parece um navio, uma arca que oferece refugio, mas ele não vai atrás da fé que perdeu ou nunca teve. Entra pela porta lateral, cumprimenta o segurança – ele sabe que depois que todos entrarem o segurança vai trancar a porta e vai descer até a sala e ficar observando, de longe, calado, atento. Na parede um cartaz que ele já conhece bem anuncia os horários das reuniões dos grupos – o mais conhecido é o dos dependentes em álcool, mas há outros, viciados em narcóticos, em jogo, em amar demais, em cigarro. A reunião à qual ele vai não aparece no cartaz, a cada semana a administração quer encerrar o empréstimo da sala para os encontros mas eles vão conseguindo manter o grupo, sensibilizando para os resultados positivos, garantindo o sigilo, nada de divulgação, nada de registro das reuniões, nada de celulares, nada de estranhos. Hoje ele foi o primeiro a chegar, como combinado, é a noite dele. Arruma as cadeiras em círculo, limpa o quadro, escreve com a caligrafia bonita de executivo acostumado a palestras, a trabalhar com equipes:

*Masturbadores do mundo inteiro, uni-vos.  
Nada tendes a perder  
A não ser vossos grilhões!*

Quando todos estão em suas cadeiras, ele apaga as luzes, deixa apenas um spot o iluminando e fala, pausadamente, a voz firme. Vez por outra algum dos companheiros se manifesta, incentiva. Todos estão no mesmo barco, todos procuram alguma coisa, juntos. Ninguém se apresenta com o próprio nome. É tudo muito discreto, só quem já participa das reuniões sabe o que acontece.



*Boa noite, meus amigos. Alguns de vocês já sabem de minha história. Tenho trinta e oito anos, minha mulher tem trinta e sete, eu a amo muito, nós nos amamos. Mas ela desenvolveu há alguns anos uma depressão severa e toma os remédios psiquiátricos muito fortes que acabaram com a libido dela. Com isso nossa vida sexual praticamente acabou. Ela tem zero libido e eu mantenho minha libido no máximo, isso é muito frustrante, é uma provação para nós. Como se Deus estivesse nos testando. Está fora de cogitação eu me satisfazer com outra mulher, arranjar uma amante, estes foram os conselhos que já me deram, os falsos amigos. Mas isso não farei, pois sou apaixonado por minha mulher. Nossa vida conjugal, tirando o fator sexo, é perfeita, sempre foi perfeita. E também tentamos com o médico trocar os remédios, mudar de médico, mas nada funcionou. Ela acaba caindo de novo na depressão. E eu, com toda a sinceridade, prefiro ela viva e feliz, como está, mesmo sem libido; do que como ela era antes, trepadas maravilhosas, sempre disposta para o sexo mas sempre à beira de se jogar pela janela, um descuido meu e corta os pulsos. Para satisfazer meus desejos eu me rendi à pornografia de forma mais intensa que na adolescência. Sou hoje aos trinta e oito anos muito mais punheteiro que era aos catorze, quinze anos. Hoje a internet ajuda muito, na minha adolescência era bem mais difícil, tinha que comprar revistas e esconder embaixo da cama, alugar vídeos na locadora, agora tem tudo pelo celular mesmo, sites, Privacy, OnlyFans, Xvideos... Pesquisei alguns que recomendo, depois para quem quiser eu posso dar umas dicas, passar uns links, mas já vou aqui mostrando alguma coisa que selecionei para nossa reunião de hoje...*

Apaga o spot que incidia sobre ele, liga o projetor. O silêncio na sala é total, a menos dos sons que vêm das imagens que ele projeta na tela. O primeiro a, muito discretamente, abrir a braguilha, é o segurança, sempre é. Alguns ficam sozinhos, compenetrados; os demais preferem aproximar a cadeira do seu vizinho, trocam de lugar para ajudar ou ser ajudado, uns aos outros, unidos e buscando perder os grilhões. À medida em que gozam, se limpam discretamente e saem em silêncio. Um deles escreve seu nome no quadro, se voluntariando para conduzir a reunião da próxima semana. O segurança, como sempre, é o último a sair, antes faz uma ronda de verificação pelas salas e corredores, todas as luzes estão apagadas, portas e janelas trancadas.





APRESENTAMOS

# GALLERIST

NOSSO PROPÓSITO É CRIAR UMA PLATAFORMA QUE AJUDE A PROMOVER ARTISTAS INDEPENDENTES, BEM COMO ORGANIZAÇÕES QUE FOMENTEM A IGUALDADE E DIGNIDADE DAS COMUNIDADES LGBTQIAPN+.

50% DOS LUCROS IRÃO PARA A CASA!



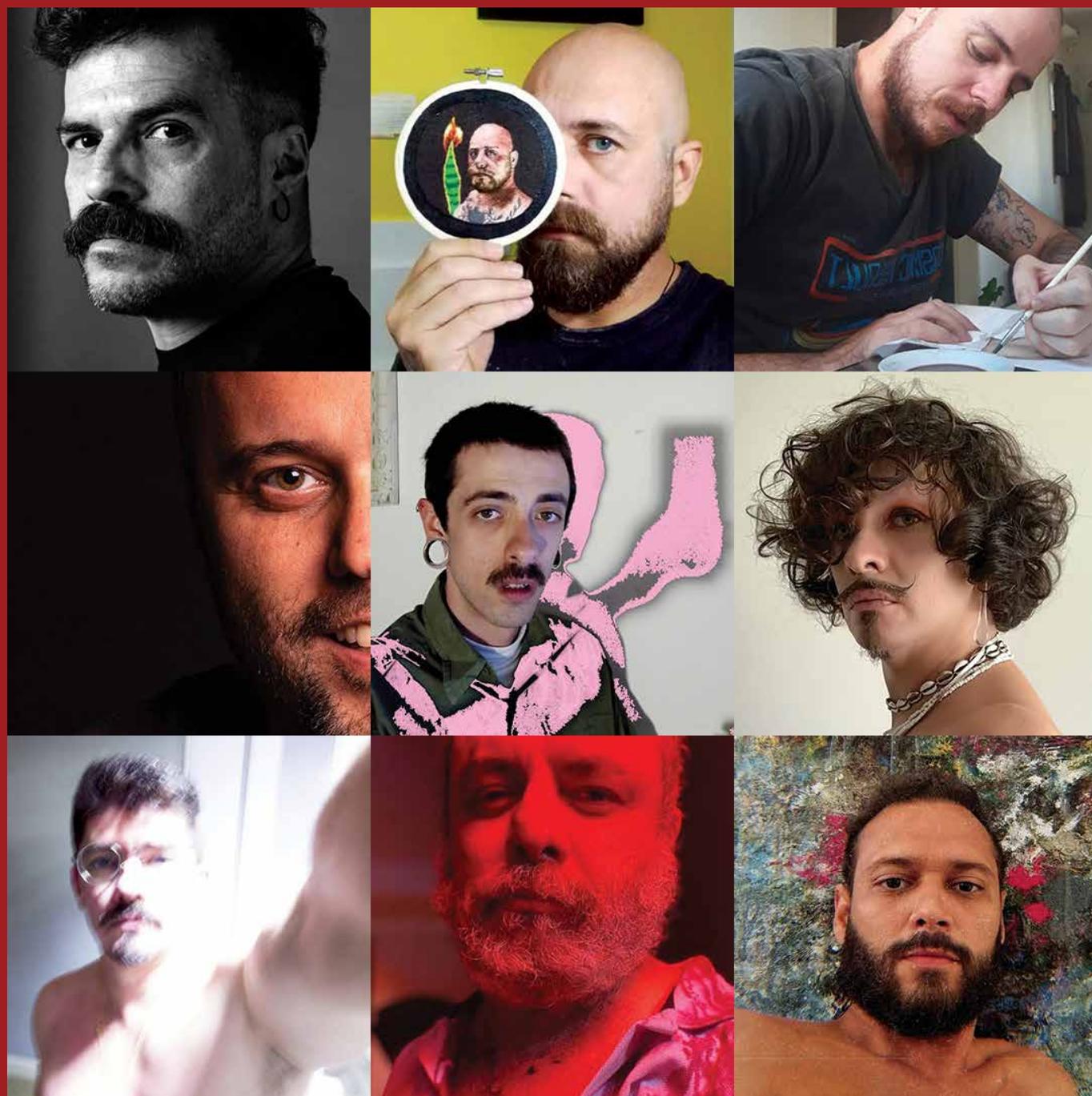
CONFIRA A COLEÇÃO JÁ DISPONÍVEL EM [WWW.BEARKIN.COM.BR](http://WWW.BEARKIN.COM.BR)

BEARKIN'



MODA  
R  
T  
COMUNIDADE





9 artistas brasileiros | 100 páginas | em **inglês** | PDF | R\$ 30,00 | disponível somente até outubro /24

Envie mensagem para [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com) para saber como adquirir.





## Como anda sua subjetividade na era virtual?

A era da imagem nos consome e estamos tendo dificuldade de experimentar a realidade como ela de fato é. Nossa subjetividade – aquela capacidade de experimentar e interpretar o mundo de forma única, baseada em nossas emoções, experiências e perspectivas – vem se perdendo no conglomerado sem fim da era virtual, onde pessoas de gerações e histórias únicas e totalmente diferentes tentam impor certezas abstratas que na grande maioria das vezes só servem para gerar mais caos coletivo do que libertar.

Não faz sentido existir se não trocarmos figurinhas uns com os outros sobre nossas experiências, sejam elas internas ou externas. Mas o problema se dá quando não estamos presentes no momento e sim perdendo tempo captando ângulos, formulando certezas para viralizar ou formatando imagens para serem apreciadas na internet. Acredito que dá para fazer todas essas coisas, porém, uma experiência só é de fato legítima se estamos mais imersos e presentes nela do que preocupados com o que os outros vão pensar, achar e sentir de um



Imagem criada por IA.

momento, situação ou impressão que deveria ser melhor elaborada antes de ser compartilhada.

Para conhecer alguém é óbvio que a imagem é a primeira coisa que atrai, mas, quando é só a imagem a estrutura que sustenta, cedemos a um narcisismo que nos tira diversas outras possibilidades de experiências e encontros incríveis. Numa era em que a imagem é hipervalorizada, como podemos continuar lidando com ela sem entrar num modo desesperador de perfeição inalcançável? “Eu tenho que ficar assim...”; “Eu preciso ser assim...”. Estamos vivendo ou cedendo a pressões sociais de algoritmos de internet que nos fazem esquecer que nossa juventude se vai a cada segundo e nossa finitude está logo ali? Como fica a subjetividade de cada um se não for melhor compreendida pelo sujeito?

Ainda que a gente não se desconecte totalmente (e isso é uma realidade), é importante haver possibilidade para contemplação do tempo-espaço, da natureza, do pôr do sol, das nuvens, de sentir a brisa fria ou o calor de se deitar na grama num dia ensolarado. Essa sim é a verdadeira perfeição alcançável a nossa subjetividade. A vida não se resume ao amontoado de problematizações de internet que se acumulam entre pessoas com opiniões (des)interessantes e gente que problematiza até quanto de detergente líquido deve ser correto usar para lavar os pratos.

Gratidão é só uma hashtag ou se refere a uma emoção que trata de reconhecer o valor das coisas, pessoas e situações?

THE  MOVEMENT

moNumento

# No Rudos

*Don't be rude... Be you!*

www



Modelo: Mikael Habekost. Foto: Juan Luis Vásquez.





# FALD

ISSN 2675-018X  
falonart@gmail.com

